

BRASIL-PORTUGAL

1 DE MAIO DE 1902

N.º 79

Santo Antonio



QUADRO DE COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

(MEDALHA DE HONRA)

Exposição d'Arte

A arte atravessa actualmente um período de transformação lenta mas segura. As novas condições sociais, as ideias democraticas dominantes, a pulverisação das fortunas, fazem com que alguns ramos d'arte plastica se modifiquem, senão nas suas ideias fundamentaes de belleza, pelo menos na fórma externa de as realisar.

Assim as grandes massas architectonicas como o Vaticano, o Louvre, os grandes palacios de Renascença, não podem hoje ser realizadas, porque o homem moderno sente-se só nessas casas enormes, a sua franqueza necessita do *confortable*, e o palacete, a casa d'alguem de muitos andares onde se agitam varias colmeias, são as edificações actuaes. Até os estados mandam construir pequenos edificios para as suas repartições, dividem-se por varias casas os serviços, impossiveis d'accumular num mesmo centro.



ENTERRO DE SANTA ALDA

Cópia de um quadro gótico da *Mãe de Deus*, por S. M. a Rainha. D. Amélia de Orleans

Não havendo grandes palacios com grandes salas a decorar a esculptura fica quasi como um ornamento de jardim, e este mesmo, dia a dia diminuindo, convertendo-se em pequenos quintaes á maneira inglesa, mais difficultam a venda das grandes estatuas, dos grupos monumentaes, cingindo-se apenas a esculptura, ás encomendas de collectividades para monumentos iconographicos. Predomina o gosto do objecto d'arte, da pequena figura, uma attitude de dança, uma flor de que emerge uma face, pequenos nadas que enchem um quarto, polsam nas misculas, cotejam as jarras sobre as mesas trabalhadas.

Dampit realisou primeiro do que ninguem, em arte pura, essas pequenas estatuetas em marfim ou madeiras preciosas, com pedrarias, hoje Gilbert Bayes, num grande esforço, compõe estatuetas polychromas d'uma grande belleza e intensidade, como o *Cavalleiro Errante*.

Na pintura, o quadro de cavallette tende a desaparecer, a pintura servindo apenas para auxiliar a architectura; e as decorações á Pavis de Chavannes, casando-se com os marmores, vencem os

pintores que ainda teimam em pintar quadros com absoluta vida propria, que só têm logar em galerias, que hoje vão desaparecendo tambem.

E' uma transformação completa da Arte que entra mais abertamente na nossa vida, afina as linhas dos moveis, colore as paredes dos nossos quartos, decora as nossas janellas, dá-nos, no nosso *home*, a alegre visão das coisas bellas sem que precisemos de ir ás cidades mortas que são os museus e galerias aspirar um pouco de Belleza.

A arte democratiza-se no bom sentido de palavra. Não perde o seu vô vigoroso para os ceus, esse forte impulso d'asas para um sonho melhor; não desce a contentar myopias rudes de analfabetos; eleva todo o homem até si pela sua niscencia na vida de todos os dias, porque, como na Grecia, o artista tenta fazer d'uma cafeteira, ou d'um doceiro, uma coisa bella. Assim os grandes artistas inglezes comprazem-se em procurar na natureza as linhas ornamentaes e fixal-as nas suas obras. Sugam ás flores a sua linha essencial e a sua côr predominante, combinam-as, variam-as, e fazem as obras primas que dia a dia vemos, produzem esse estylo

moderno tão mal comprehendido, estylo d'este seculo, porque corresponde a uma necessidade do nosso tempo, mesmo no abuso de linhas tortuosas, porque a Alma de hoje é hesitante, sinúa, agitada e inquieta.

Ora este é o grande movimento inglez que em todo o mundo se repercute, gerando, a par das obras infames que o francez, camelot e industrialio, baptisou d'art nouveau, e que a cabeça quadrada do allemão produz em quantidade, outras que são uma lidima gloria do genio actual, ourivesarias, estofos, decorações de interiores, e esses cantos de fogão tão commodos e tão lindos, com seus fofos tapetes e suas mezas polidas, onde as jarras são mais bellas do que as flores.

Em Portugal este movimento não teve um echo digno de registro. Os pintores continuam a fazer as mesmas obras que faziam, a maior parte sem talento, mas o mais grave é que os novos seguem a mesma orientação, deixando-se descançar no que já está feito, sem coragem para arrostar com o gorduroso peso da opinião, velha demente e desdentada.

N'esta exposição em que muito poucos se apresentam bem, em arte applicada não vemos que mereça sympathia a não ser um lindo lenço de rendas da grande artista que é a sr.^a D. Maria Augusta Bordoal Pinheiro, de motivos novos sabiamente combinados.

De resto a sr.^a D. Maria Augusta já nos tinha habituado ás suas seguras audacias e á sua perfeita execução. O sr. Santos tem uma porta magnificamente trabalhada, mas em estylo. Luiz XVI. Faz dó

Em arte pura temos realmente algumas obras muito bellas.

O sr. D. Carlos expõe um quadro a pastel, paisagem alemtejana, *Efeito de nevens*, feito na sua maneira larga, vigorosa, escobendo assumptos onde a immensidade se desdobra, abrindo infinitas perspectivas, estudos de côr muito notaveis, annotações pessoais de trechos de campo, revelando poderosa individualidade.

Sua Magestade a Rainha apresenta agurrellas de plantas e de joias antigas e dois desenhos, reprodução de quadros gothicos existentes no antigo convento da Mãe de Deus. O baculo principalmente é uma obra fina e muito bem feita. E' necessario conhecer-se a difficultade de fixar na tella os valores de certos brilhos de pedrarias para apreciar o alto merecimento d'essa pequena agurrella. Nos desenhos d'uma rigorosa fidelidade e d'uma grande facilidade, Sua Magestade reproduziu a ingenuidade do velho qua



Estrada da Covilhã — Paisagem de Carlos Reis



A volta da Romaria — Quadro de J. Malhoa

dro, as figuras onde os olhos sobressaem e explicam a psychologia, e as vestes talares radiosas da multidão d'oiro e de gemmas.

Entre os artistas a todos sobressae o grande pintor Columbano, o mais pessoal de todos, profundo e honesto, vivendo absolutamente na communhão das coisas bellas. O Santo Antonio tem uma expressão intensa e bella do extase. Dos seus olhos puros evolui-se uma Alma que quer subir para Deus. E toda a figura é tratada com o rigor e a sobriedade, que são as características d'este illustre pintor. Os seus pequenos quadros no genero, a mulher da mascara, a mulher das fructas e a mulher do copo, são pequenas obras primas delicadas e suaves, estudos magnificos de epidermes, fazendo a figura nascer da sombra sem contornos precisos, sem lineamentos, processo que tambem usa nos retratos, expondo quatro obras primas, os de Eça de Queiroz, Raul Brandão, João Burnay e Henrique de Vasconcellos. D'entre todos escolherei o do illustre escriptor Raul Brandão feito á luz do gaz, em que ha, a par d'um desenho firme e puro, certos esplendidos modelados, carinhosas maneiras de estudar as cambiantes, uma tal concentração, que d'elle fazem uma das melhores obras da pintura portugueza no seculo XIX.

Columbano é um pintor de retratos da grandeza de Laxlo, de Lembach ou de Whistler. A psychologia do retratado, o seu modo de ser intimo, fundamental, apparece na tela, nitido.

Carlos Reis, paysagista d'um alto talento, expõe este anno pequenas manchas de paysagens minhotas enoladas, retoques certos e emocionantes; perpassa por entre aquellas arvores, como nas aguas dos rios tranquillos, um sopro de poesia. Temperamento lyrico, muito pessoal, sente intensamente a paysagem e, despegado de escolhas, trabalha no intuito de dar nos seus quadros a interpretação artistica da natureza conseguindo-o completamente.

Velloso Salgado confinou-se este anno no retrato e parece-me que fez bem. É realmente o genero que melhor convem ao seu talento e n'elle tem alcançado os seus melhores triumphos, como o retrato do sr Braamcamp Freire, que, apesar da minha antipathia pelo "ar livre", considero uma bella obra. N'esta exposição o seu melhor retrato é o de M.^{me} R. O., energico e delicado a um tempo, d'um desenho firme e certo, annotando bem as transições dos tons, fazendo viver a figura. Não é uma photographia: é um quadro. O retrato do sr. Ramalho Ortigão, tambem apresentado, bom como desenho e fiel como parecença, tem uma coloração uniforme e não dá a mesma ideia de belleza



Torre manuelina — Quadro de J. Vaz



Manuel e Maria — Quadro de Almeida e Silva



Um recanto do Gradil — Quadro de Hygino de Mendonça

como obra d'arte. Prefiro-lhe o retrato do sr. Silva Graça, apesar das mãos, apesar de certas partes estarem cançadas.

Malhóia tem varios quadros, d'entre os quaes destacarei uma soberba cabeça, retrato do sr. Novaes, vigorosa, intensa e energica. E' uma bella obra, lembrando vagamente — não sejamos exaggerados! — a maneira forte de Ribéra. Os outros retratos do mesmo pintor são inferiores e o do conde do Alto-Mearim é pessimo. Dos quadros de costumes e genero do sr. Malhóia o melhor é a "Volta da romaria", com um grande sentimento do pittoresco. O bebedor é mal feito, a mão direita excessivamente grande, o braço comprido e não tem belleza nem o movimento nem a expressão. Parece que o pintor escolhe á tóa os assumptos, porque não ha bom gosto nos seus quadros. Apenas um effeito de tarde. O mais são episodios banais da vida dos campos, inestheticos geralmente. N'este pintor muito habil, muito vigoroso parece faltar muito a educação litteraria.

Antonio Ramalho tem um unico quadro, um bom retrato de pintura solida e desenho correcto. A sua exposiçáo anterior foi mais numerosa: uma aguarella do actor Ferreira da Silva no papel do cardeal D. Henrique era uma obra notavel e certos desenhos magnificos.

Fallei dos principaes artistas, aquelles que pelo seu temperamento e pela sua sciencia do mister mais se salientaram. Referir-me-hei agora resumidamente a poucos mais quadros, dos que mereçam menção.

Na 1.ª sala uma boa paysagem do distincto escriptor sr. Hygino de Mendonça, com atmospheria e luz; a sr.ª D. Beatrice Kerry expõe um lindo quadro, estudo de luzes coradas sobre moveis, muito curioso e muito bem feito, como côr; Faria e Maia tem um retrato do sr. José da Camara, interessante pelas côres claras, mas pouco solido; os tons approximam-se dos da aguarella; um vigoroso retrato d'um novo, Constantino, já mais desprendido da influencia de Salgado, seu mestre, já conhecedor de *tracs*, mas ainda sem uma personalidade marcada. Na segunda sala ainda um retrato do mesmo artista com as mesmas qualidades e os mesmos defeitos. N'esta sala, espalhados, alguns quadros do Vaz, marinhas que não sentimos ser nossas, pela sua luminosidade deslavada, branca. E' um sol feito de proposito, mais de prata que

d'ouro, para embevecimento de pessoas acceitadas. D'este artista ha uma linda e pequena aguarella, marinha tambem, mas superior aos seus quadros a oleo. Na quarta sala um pastel elegante e de côres risonhas de Mattoso da Fonseca, architectura campestre de Raul Lino, que se vae desprendendo do exaggerado culto pelas nossas coisas velhas e recebe a influencia da escola inglesa, e um bello projecto de caes de José Alexandre Soares, que parece ser um artista de alto merito.

Em esculptura poucas obras, entre todas sobresahindo uma cabeça de velha de Motta Sobrinho, que vive, bem modelada e sentida; algumas cabeças e um Ganymedes de boa composiçáo de Fernandes Sá, artista delicado, com tendencia para cultivar o genero chic, exaggerando a ma-

neira do seu mestre Fuech, mas revelando valor.

Estas as principaes obras da exposiçáo. Não ha nos novos ten-



No caminho da fonte — Quadro de Carlos Reis

dencia para dar a vida complicada e febril d'hoje; parece que os artistas plasticos não sentem a nevrose moderna como os homens de letras; nada de estranho nos apparece, nada de macabro ou de atormentado.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

SEMPRE BONITA

Nas margens do Orge, antes de chegar ás Belles-Fontaines, encontra-se uma construção elegante, palacio moderno, coberto d'ardosias. Collocada na vertente da collina, no meio d'um tapete de verdura e cercada d'um bosquecito, a casa atrae a attenção dos raros remadores que descem o Orge até Juvisy. Apenas um pescador de linha, procurando um bom lugar, viu algumas vezes, no alto, uma mulher, com o rosto coberto por um espesso veo, e um manco que andava de vagar encostando-se ao seu braço. Ao menor ruido de remos desappareciam na volta d'uma rua, ou detras d'um maseiço.

Os habitantes do Juvisy tinham-se esforçado debalde para penetrar o mysterio que parecia cercar essas creaturas novas na localidade.

O jardineiro e os creados fallavam uma lingua desconhecida que um caixeiro viajante classificára como sendo um dialecto da Bretanha. Uma velha criada que fazia as compras da casa era a unica que fallava o francez, e ainda assim dizia apenas as palavras necessarias para as transacções usuaes da vida.

Depois de terem feito todas as supposições, possíveis e imaginaveis, o estalajadeiro e o tendeiro do Juvisy resolveram que o manco era um doido que a familia encerrara n'essa casa, limitada por um grande muro do lado da estrada e por um rio do lado do campo.

Quanto á mulher era uma parente ou uma governante, e quando uma vez um pintor, vindo de Belles-Fontaines, perguntou quem era o dono d'aquelle parquinho cheio de sombra e de mysterio, responderam-lhe, como sendo moeda corrente: quem allí mora é um doido.



Esculptura — Motta Sobrinho

devorado pelos mosquitos, se se fecham, começa-se a sentir a falta da rua Royale e da Chaussée d'Antin onde, da meia noite ás 2 horas, se fuma tranquillamente um charuto ao luar sem se ser mordido por qualquer monstro alado ou esbofetado por um mocho.

Costumo o visconde notou que os transeuntes eram raros. Via desembocar das ruas da avenida d'Antin, da rua Ponthieu, da rua do Circo, carruagens cheias de malns. O aspecto dos preparativos da festa de 14 de julho apertou-lhe o coração. A politica não entrava de modo algum n'essa repugnancia; o 15 d'agosto inspirava-lhe as mesmas apprehensões no tempo do imperio. Mas o verdadeiro parisiense é inimigo das festas publicas, de tudo o que perturba o seu socego e muda á força os seus habitos. Por toda a parte, mastros, postes, bandeirolas — Onde me hei-de metter n'estes tres dias? pensou o sr. de Montbrun. No anno anterior fôra a São Germano, e tinham feito lá tanto barulho e atrado tantos morteiros, como em Paris. Montbrun lembrou-se então que tinha prometido fazer uma viagem á Bretanha antes que o camartello do pedreiro tivesse acabado de transformar esse velho cantinho da França n'uma

No dia 10 de julho de 1884, em que fazia um d'esses calores que o Senegal nos envia, o visconde de Montbrun sahia ás 9 horas da manhã do seu palacio da rua Vernet e descia os Campos Elyseos. Ia ver um cavallo que lhe fôra offerecido por um alquilador da rua da Pépinière. Os squares ostentavam os seus açafates de flores, cercados de verdura, cujos tons tinham sido artisticamente graduados como para uma rosetta de condecorações estrangeiras. No rond point os quatro repuchos d'agua elevavam-se á maxima altura, desenrolando côres do arco iris e semeando pó de diamante.

O sr. de Montbrun era um d'esses parisienses que não saem nunca de Paris.

O mar, dizia elle, foi feito para os pescadores e para os marinheiros. Tem as suas belezas, sem duvida, mas não se pôde aturar mais do que uma hora por dia. Assim que desaparece, deixa a descoberto todos pestilencias ao lado dos ques o cano geral é um frasco d'agua de Colonia. Quanto ao campo propriamente dito faz lá tanto calor como em Paris, com a differença de que se não sabe o que se ha-de fazer ali á noite. Se se deixam as janelas abertas é-se



AO CAHIR DA TARDE

Pastel de S. M. El-Rei

succursale de Vaugirard. Passar a ver Vitré, Fougères, passar um dia em Saint-Malo e voltar. Evitaria assim o apertão, as illuminações. Uma vez que a Provincia invade Paris, por occasião das festas, é necessario que o parisiense lhe ceda o logar.

D'ahi a dois dias Monbrun chegava a Vitré. Era um sabbado á noite.

Na provincia quando se quer formar opinão da belleza das mulheres, é preciso collocarmo-nos no domingo á porta da egreja. Por isso é que Monbrun estava desde as 8 horas da manhã no limiar da basilica de Saint-Martin, esperando o fim da missa. Saindo de Paris, tinha mettido no correio uma cartinha dirigida á mademoiselle Paula Salimber, dançarina no theatro do Eden.

Paula era uma esplendida rapariga, uma transtiberina de olhos negros cheios de fogo; debutára em Napoles, e depois d'uma estacão passada no theatro italiano de Nice, viera mostrar aos parisienses as suas fórmas irreprehensíveis e as suas graças infantis.

Monbrun tinha então vinte e oito annos; rapaz bonito, muito

A sahida da missa còmeçou. Dois ou tres homens appareceram, não pondo o chapéu na cabeça senão depois de terem transposto a porta do logar santo. Depois as mães e as filhas, algumas pobres mulheres de lenço na cabeça, por aqui e por ali um tabellião ou um magistrado. Boticario nenhum.

De repente Monbrun estremeceu. No meio d'uma onda, appareceu uma cabeça de rapariga. Era miragem, illusão? via elle realmente essa figura ideal? Nunca, nos seus mais ardentes sonhos, imaginára coisa alguma que se parecesse com essas linhas celestias.

Eram a pureza tranquilla, a serenidade christã, a virgindade radiante, uma essencia d'alma.

Monbrun perguntou se era possivel que semelhante creatura existisse. Ousava apenas respirar com receio de que esse lyrico cahido do corpete de Santa Maria, retomasse o caminho dos céos. E ella descia os degraus da egreja, sorrindo para uma mulher de certa idade, fresca ainda, sua mãe decerto.

Monbrun seguiu as duas mulheres, instinctivamente, sem dar por isso. Ellas entraram n'uma casinha, de modestissima apparencia. Decorou o nome da rua. Voltando ao hotel, Monbrun tomou as suas informações.

— A menina bonita! A menina do Larade! O pai é um excellentes homem, pertence a uma familia que foi rica antes da revolução; depois, do pai para filho, venderam as propriedades para sustentar a sua posição.

Finalmente o pobre sr. de Larade metteu-se n'uma casinhola, habitada outr'ora pelo intendente de sua familia.

Vive ali como pôde, com sua mulher, uma senhora da casa Laroche Glacien, e sua filha Joannette, mas que tem de rendimento cada anno não é superior a mil e duzentos ou mil e quinhentos francos; mas as senhoras sabem viver com pouco, e elle, o pobre homem, priva-se inclusivamente de tomar rapé.

O visconde escreveu ao seu tabellião em Paris, pedindo lhe que travasse logo relações com um dos seus collegas de Vitré, e lhe fizesse saber que elle, Monbrun, era de boa familia, que passava por ser homem sério, e que não era pobre. Depois do que o tabellião de Vitré o apresentaria a uma familia, onde esperava encontrar a felicidade.

As coisas passaram-se como o visconde ordenára. Foi apresentado, saudou tremulo a menina Joanna de Larade, voltou lá e agradou. Contudo impozeram condições ao casamento. O visconde deveria acompanhar sua mulher á missa todos os domingos e jejuar pela semana santa.

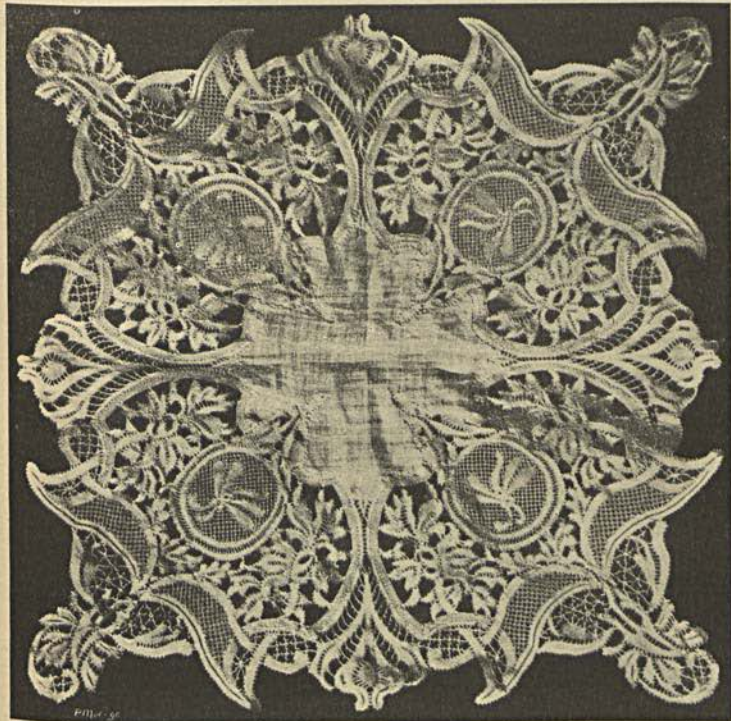
Monbrun disse que sim a tudo que lhe exigiram. Passou como n'um extasis as poucas semanas que precederam o dia fixado para o casamento.

Quando de volta ao hotel, se encontrava só, tinha estremecimentos pensando que se não tivesse vindo a Vitré, Joanna teria casado com outro.

Mas, não, ha coisas escriptas lá em cima; ella esperava a. Elle tinha vindo, porque devia vir.

No meio do seu sonho recebeu por intermedio do seu tabellião — porque occultava cuidadosamente o logar onde estava — uma carta d'um dos seus amigos. Esse amigo, membro do *Petit Club*, dizia-lhe que Paula Salimber procurava-o por toda a parte e proferia ameaças terriveis. Monbrun encarregou o seu amigo de entregar quarenta mil francos á transtiberina annunciando-lhe que elle partia para a America e que nunca mais o veria.

Finalmente o grande dia chegou. O contracto fora assignado. Dois amigos da familia de Monbrun tinham vindo para servir de testemunhas ao noivo, e no dia 10 de setembro, ás 11 horas da



Lenço de renda — Estudo moderno de D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro

ao facto dos negocios de bastidores, juntava aos seus encantos pessoas as seducções de sessenta mil francos de renda. Apresentou-se e foi bem recebido. Ligação adoravel nos primeiros seis mezes; scenas d'amor, protestos d'eterna fidelidade, entremeados de passeios no bosque, de cavalgadas matinaes, e de ceias alegres. Versailles, Ville d'Avray, Bougival viram passar muitas vezes a bella amazona e Monbrun galopando ao lado. Paula Salimber tinha apenas um defeito, era insupportavelmente ciosa. Othello teria sido um Jorge Dandin comparado com ella. Se Monbrun, no theatro, olhava vagamente para uma mulher, Paula arrancava-lhe o binoculo e começava a chorar. Uma vez que o visconde parára um bocaco ao pé da carruagem de madame C... a transtiberina teve um ataque de nervos.

— Se me abandonas, dizia ella muitas vezes, brandindo um punhal. Isto te e mato me depois.

Quando se decidiu a fazer a viagem á Bretanha, Monbrun tinha chegado a esse periodo em que o amante fatigado pergunta a si proprio qual será melhor se mandar dez mil francos dentro d'um sobrescripto á pessoa que deixou de agradar, ou doar-lhe uma pensão annual de mil e quinhentos francos. Appenas instalado no canto do wagon que o levava para longe de Paris, Monbrun pensava n'uma unica coisa — achar o meio de não tornar a ver Paula Salimber.

como o visconde ordenára. Foi apresentado, saudou tremulo a menina Joanna de Larade, voltou lá e agradou. Contudo impozeram condições ao casamento. O visconde deveria acompanhar sua mulher á missa todos os domingos e jejuar pela semana santa.

Monbrun disse que sim a tudo que lhe exigiram. Passou como n'um extasis as poucas semanas que precederam o dia fixado para o casamento.

Quando de volta ao hotel, se encontrava só, tinha estremecimentos pensando que se não tivesse vindo a Vitré, Joanna teria casado com outro.

Mas, não, ha coisas escriptas lá em cima; ella esperava a. Elle tinha vindo, porque devia vir.

No meio do seu sonho recebeu por intermedio do seu tabellião — porque occultava cuidadosamente o logar onde estava — uma carta d'um dos seus amigos. Esse amigo, membro do *Petit Club*, dizia-lhe que Paula Salimber procurava-o por toda a parte e proferia ameaças terriveis. Monbrun encarregou o seu amigo de entregar quarenta mil francos á transtiberina annunciando-lhe que elle partia para a America e que nunca mais o veria.

Finalmente o grande dia chegou. O contracto fora assignado. Dois amigos da familia de Monbrun tinham vindo para servir de testemunhas ao noivo, e no dia 10 de setembro, ás 11 horas da

manhã, os convidados subiram para a carruagem para se dirigirem à mãe. Montbrun e duas ou tres pessoas conversavam com o official do registo civil, quando um grito agudo, seguido d'um longo clamor, veio encher os de susto. Precipitaram-se para as janelas; havia no pateo, como que um tumulto.

—O que é? exclamou Montbrun, meio suffocado.

—Uma mulher, uma desconhecida, atirou vitriolo à menina de Larade. A pobre creança tem metade da cara queimada e ficou sem um olho. Transportaram-na para casa do pai.

Montbrun cahiu inanimado sobre o pavimento.

Tentou debalde, durante o dia, entrar no quarto da sua noiva.

—Digam-lhe que nunca mais me verá, exclamava ella, derramando lagrimas, que, cabindo sobre chagas vivas, a queimavam como fogo.

Montbrun estava desesperado. As vogas vermelhas da febre agitavam-se no seu cerebro; o coração estalava-lhe. No dia seguinte pareceu tomar uma resolução. Expediu um longo despacho para Paris. Recebeu um pacotezinho na volta do correio.

A desconhecida, presa logo depois do seu crime, declarou chamar-se Paula Salimberj e ter assim procedido para se vingar.

Montbrun encerrou-se no seu quarto; abriu o pacote que continha uma certa quantidade de pó branco. Pegou n'um lenço e dobrou-o para fazer uma venda, depois tirou duas colheres de pó branco, deitou-as no lenço, e pondo-o sobre os olhos atou o forte-moço na cabeça.

Dois horas depois, chegava n'uma carruagem, a casa do sr. de Larade. Desceu encostado ao braço do tabellião de Vitré.

—Não entre, disse a sr.^a de Larade, Joanna morrerá.
—Diga-lhe que pôde receber-me, respondeu Montbrun. O nosso casamento effectuar-se-ha assim que ella possa saber. Pode receber-me... A sua imagem ficará eternamente o que era... estou cego!

O sr. e a sr.^a de Montbrun retiraram-se para a solidão de Juvisy. Joanna adora aquelle que renunciou por sua causa a ver o céu, os campos e as flores. Quanto ao cego, conserva intacta a imagem da virgem ideal que descia as escadas da igreja de Saint Martin de Vitré. E' feliz, porque, na noite sem fim a que se condemnou, vê a sempre joven, sempre bonita.

AUBRELIEN SCHOLL. (1)

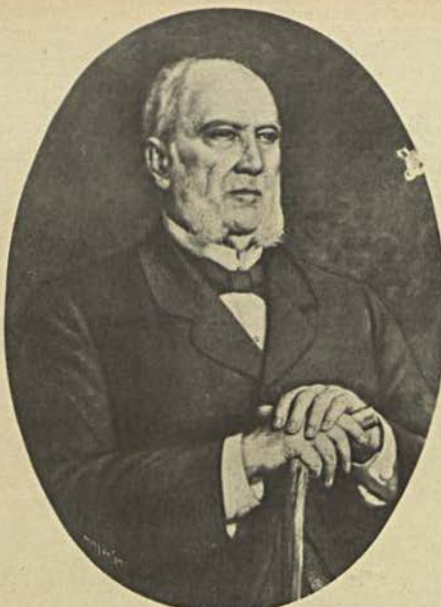
(1) O autor d'esta deliciosa comedia, que foi um dos chronicistas parisienses mais brilhantes e um dos criticos mais distinguídos, acaba de fallecer em Paris.

+X+o+X+

A parodia é uma desforra contra a admiração.

Toda a comedia precisa ter um personagem que prenda todos os corações.

Brinquedos de creança: um dos capitulos mais serios d'um manual de educação.



Em retrato — Quadro de Antonio Ramalho — Primeira medalha



Raul Brandão — Retrato de Columbano Bordallo Pinheiro

AS NUPCIAS

Olha, a primavera asoma:
Vê como trocam a flux,
As rosas — beijos de aroma,
E os astros — beijos de luz.

Vamos pelos campos fóra.
E'a noiva; o noivo te espera.
Tivesses eu, também agora,
A minha alma em primavera;

E ao pé da rutila fonte,
Colmada da tilia em flôr,
Como o velho Anaerconte,
Podesses cantar o amor!

Mas vem tu, que o teu sorriso,
A' Grecia rouba um idyllio,
E repete de improviso
Versos do proprio Virgilio.

Chegaram de novo os dias
Dos aureos nubes. Voltando,
Para immortaes alegrias,
Que vida no ethereo bando!

O val nemeroso e umbrío,
Onde não entrou jámais
Um raio de sol do estio,
Tem rumores ideaes!

Das andorinhas palreiras,
Lá se approxima a colonia.
Bailam nymphas nas ribeiras,
Aos sons de flauta midonia.

Cantam os nodosos troncos,
Do pomar, que abrindo vem,
E até os penedos broncos
Parecem ter voz tambem.

São as abelhas do Hymeto,
Que andam a zunbir no prado.
E, pelo formoso aspecto,
Aquelle toiro raído —

Tal qual o desreve Moseho —
Olho azul, cabeça erguida,
Encrespada de ciro foeco;
Armadura alta e bruniada:

Será um Deus? vem raptar,
Transformado d'esta sorte,
Europa, que anda a folgar,
Co'as damas da sua côrte?

Fujámos d'elle; é capaz,
Esgaunado-se comigo,
De romper cego o minaz.
E arrebatat-te comigo.

Corre, que o noivo te espera.
Celebra as nupcias o sol;
E' madrinha a primavera,
E padrinho o rouxinol.

Depois... sombras mysteriosas!
E tu a trocar a flux,
Como os astros, como as rosas,
Beijos de aroma e de luz!

BELÍLIO PATO.

Desgraçados os seculos que não
teem o seu D. Quixote! E' que
tiveram apenas o Sancho Pança.

O sonho é a um tempo a poesia
e a mentira da vida.

O respeito que a humanidade
tem pelos velhos é a expressão da
solidariedade que une as gerações
entre si.

UMA BRINGADEIRA DE ESTUDANTES



Esta gravura reproduz uma photographia instantanea tirada do que os estudantes da Escola Polytechnica de Lisboa, chamaram a *procissão do enterro dos bacyllus*. Esta brincadeira alegre de rapazes novos foi inspirada por um edital do governador civil impondo multas a quem cuspiisse dentro dos carros e dos estabelecimentos publicos, e que pittorescamente se alcunhou de *edital do cuspo*. Pois esta procissão é uma allegoria pittoresca ao caso.

POLITICA INTERNACIONAL

Não nos enganávamos quando prophetisavamos ao recente tratado anglo-japonês immediata influencia sobre os successos do extremo Oriente. O primeiro resultado do tratado em questão apparece-nos desde já na assignatura da convenção russo-chinesa a respeito da Manchuria. Por esta convenção obrigam-se os russos a evacuar a provincia nos seguintes prazos: dentro dos primeiros seis meses a contar da assignatura da convenção, a Russia retirará as suas tropas de toda a parte sudoeste da provincia de Mukden, até ao rio Liao, entregando á China o respectivo caminho de ferro; dentro dos seis meses seguintes sairá do resto da provincia de Mukden e da provincia de Kirin; finalmente dentro dos seis meses seguintes e ultimos retirará o resto das suas tropas da parte ainda occupada da provincia de Heh-lung-kiang. Quer dizer, n'um prazo de anno e meio toda a Manchuria estará de novo na posse da China.

Por mais que os jornaes russos se esforcem por fazer acreditar, que a actual convenção apenas os desces do imperio, nenhum terá a ingenuidade de tomar a serie semelhante declaração. A occupação da Manchuria pela Russia, por occasião dos ultimos acontecimentos na China, obedeceu a um plano de longa data concertado, e que mais definitivo se tornou depois da variante que soffreu a directriz do transsibiriano, o qual passou a ter como terminus Port-Arthur em vez de Vladivostok.

Os preparativos de que os russos fizeram durante a sua estada na Manchuria provam bem, que elles sempre contáram que a occupação fosse permanente. Surge, porém, a alliança anglo-japonesa. Completam-na as declarações da camera ingleza de que a Manchuria, fazendo parte integrante da China, estava comprehendida na clausula do tratado, que se refere á integridade do territorio chinês.

Desde este momento a situação da Russia em frente da Inglaterra e do Japão estava claramente definida. Ou evacuar a Manchuria ou aceitar a guerra desde já com as duas potencias aliadas. Os estadistas russos resignam-se evidentemente á primeira alternativa, e celebraram a actual convenção. Para cobrirem no entretanto a estada publicaram a conhecida declaração franco-russa, que significa apenas um desforço por agora sem consequencias da derrota diplomatica soffrida. E accentuamos que a declaração franco-russa não terá por agora mais consequencias, porque estamos convencidos de que as terá n'um proximo futuro. Os interesses da Russia e do Japão e até certo ponto da Inglaterra são irreconciliaveis no extremo Oriente, sobretudo os das duas primeiras potencias.

A Manchuria e a Coréa são indispensaveis á Russia na sua expansão para o sul do continente asiatico. A mesma Manchuria e a mesma Coréa são por outro lado as naturaes regiões, por onde a influencia do Japão tem fatalmente de se estender. Não ha portanto accordo possivel, e a solução violenta para liquidar este litigio impõe-se mais hoje, mais amanhã. A Russia, não se achando actualmente ainda bastante preparada, apesar da alliança franceza, recouso por mais tempo. Mas repara a vantagem que aqum a pouco. Porisso reputamos uma guerra entre os dois paizes apenas questão de tempo.

A França, porém, que até hoje não tinha interesses antagonicos com o Japão, e cuja situação no extremo Oriente estava ao abrigo de todas as inquietações, passou, pela declaração conjunta com a sua aliada, a tomar posição decisiva em questões, que directamente a não interessam, mas que não tardarão a arrastar a uma guerra, de que ninguém é capaz de prever os resultados.

É esta situação a nós a principal significação da declaração franco-russa, coincidindo com a convenção russo-chinesa para a evacuação da Manchuria. Os dois actos completam-se e preparam o duello, a que n'um proximo futuro o extremo Oriente vae assistir.

Ao mesmo tempo que a Russia e a França apparecem ligadas na questão chinesa, extendendo até Asia a acção da dupla alliança, affirmam tambem a sua solidariedade na Africa, apresentando-se de mãos dadas em Marrocos, que acaba de receber a visita das duas esquadras aliadas. Deve ter-se ainda este acto como consequencia do tratado anglo-japonês.

Por um lado é uma resposta á attitude da Inglaterra no extremo Oriente, formulando a ameaça directa de interferencia na questão marroquina. Por outro lado representa para a França uma compensação (até que ponto real só mais tarde o saberemos) á sua aquiescencia em acompanhar a politica da Russia na questão chinesa. Por esta acquerencia corre a França risco de se ver envolvida n'uma guerra para defender os interesses alheios. Era justo que por seu turno a Russia se prestasse a fazer o jogo da França n'uma questão a que a não ligam interesses directos. *Les petits cadeaux entretiennent l'amitié*, e a dupla alliança precisa de vez em quando fortalecer-se com estas provas platonicas de solidariedade, para estimular o enthusiasmo algum tanto arrefecido não só nas margens do Sena, mas tambem nas da Nevá.

Agora mesmo vae grande alvoroco nos circulos ministeriaes francezes por motivo de um artigo publicado pelo *Novo Vremia* de S. Petersburgo, jornal de grande peso em toda a Russia e considerado semi-official, especialmente para os assumptos de politica estrangeira.

É o caso que sendo interpellado na camera dos deputados franceza o sr. Delcassé sobre a construcção do caminho de ferro de Bagdad, de que é concessionario um grupo allemão, mas em que tomam parte tambem alguns capitalistas francezes, elle declarou, que não via duvida em que o dinheiro francez cooperasse n'esta obra, tanto mais que os russos egualmente a ella se associavam. Tomando por thema esta declaração o ministro dos negocios estrangeiros da republica, e alongando-se em considerações sobre os perigos que para a influencia russa na Asia Menor advirão da construcção da linha projectada, o *Novo Vremia* articula uma accusação em fórma contra o sr. Delcassé, atacando-o rudemente, e qualificando-o de ignorante por fallar em assumptos que não conhece nos seus pormenores, como aconteceu com a questão do referido caminho de ferro, acrescenta o refe-

rido jornal, em que o ministro francez não estava ao corrente das declarações officiaes feitas pelo *Viestnik Finansov* sobre o assumpto.

Entre outras affirmações, mais ou menos graves como symptoma do estado dos espiritos na Russia a respeito da alliança com a republica, trazidimos literalmente esta, que não carece de comentarios: «A Russia contrahio uma alliança não com determinadas personalidades, não com um ministro ou com ministros, não com o governo, nem com a camera dos deputados ou com o senado de França, mas com o povo francez, em cuja força viril e grandeza d'animo ella tem confiança. Ao lado d'esta alliança pouco valem os mal entendidos passageiros, em cuja duração não acreditamos, ainda que elles possam ser causa de serias perplexidades.»

Como prologo á projectada viagem do sr. Loubet á Russia, parece-nos bastante suggestivo, attento o caracter serio official do jornal em questão, e á circumstancia de que o sr. Delcassé não se accompanha o presidente da republica a S. Petersburgo. O mais curioso é de que o *Viestnik Evropy* (a mais considerada revista russa) que agora defende o governo francez contra as investidas do *Novo Vremia*, ainda não ha muito, como n'este mesmo logar a seu tempo notámos, se pronunciava por modo identico e talvez ainda com maior severidade, a proposito das exageradas manifestações de regosio, a que se estavam entregando os francezes por motivo da entrevista de Dunkerke e da visita de Loubet a França. D onde se conclue, que nem sempre somos siosos a acolher a tão precinçada alliança, e que se em França ha um partido que lhe é abertamente hostil, ha na Russia tambem quem lhe não seja muito favoravel. Resta saber se esta dupla opposição tem de ficar em ambos os paizes como protesto isolado, ou se está destinada a ir augmentando de intensidade a ponto de annular nos seus efeitos internationaes um pacto, que diga-se a verdade ainda até hoje se não mostrou muito claro, apesar de tão fallado ser... ou talvez porisso mesmo.

Deu se ha pouco na camera dos deputados austriaca um incidente bastante significativo e de molde a esclarecer a situação interna do imperio austro-hungaro. O deputado Schönener, membro do «partido unido allemão» (*alldesutschen*) ao acabar de fallar, souto como remate ao discurso que proferira, um «viva» aos Hohenzollern, que foi enthusiasmicamente correspondido pelos demais membros do partido. O espanto, que se seguiu a esta ousada invocação, foi indistincto. O governo, presidente da camera, e os chefes dos outros partidos emmudeceram, hesitando como haviam de proceder em face de tão inesperado acontecimento. Só passado o primeiro momento de indecisão, que a todos surpreendeu, é que o presidente, conde de Vetter, chamou o deputado Schönener á ordem. Ainda assim e apesar da admoestação regimental, os outros membros do *Reichsrath*, que se seguiram com a palavra, pareciam pouco seguros de si, e não usaram mais a palavra alemã, mas a franceza, contra o objectivo. O deputado joven-tchèvo dr. Kramar limitou-se no final do seu discurso a dar um «viva» ao «verdadeiro reino», (*wahrhaft gerechte Reich*), cujo nome no entretanto se absteve de citar, deixando indecisa a camera a respeito do reino, que elle considerava como o verdadeiro. Não se mostraram mais decididos o Dr. Funke, chefe do partido progressista allemão, e o Dr. Derschatta, chefe do partido popular allemão. Foi necessario que o Dr. Kathrein, membro do partido popular catholico, desse um «viva» á Casa de Habsburgo, para que a camera voltasse ao seu estado normal, quebrando-se a especie de encanto produzido pela attitude do deputado Schönener. O *Reichsrath* inteiro, com excepção apenas dos membros do partido allemão unido, associaram-se enthusiasmicamente ao «viva» do Dr. Kathrein, e assim terminou o desagradavel incidente que causou nos circulos leialistas da Austria profunda e dolorosa impressão.

O jornaes de Berlim só muito discretamente se referiram ao succedido, e ainda assim noticiosamente, sem comentarios. Apenas um, traduzindo ao que parece o despeito produzido pelo desfecho da scena provocada pelo deputado Schönener, escreveu que ha na Austria certos amigos da Alemanha, que pelo seu zelo intempestivo são como se fossem inimigos.

Commentando largamente o caso uma revista de Vienna, *Die Zeit* não liga demasiada importancia ao facto em si. O que se lhe affigura digno de reparo e não isento de relativa gravidade é a perturbação, que em todo o menor official austriaco causou a singular petalação do deputado Schönener. Isto, no dia de hoje, *folle viennois*, revela perigoso symptoma. Se no *Reichstag* allemão alguma se houvesse lembrado de dar um «viva» aos Wittelsbach, ter-lhe-hia respondido uma gargalhada geral. Porque motivo, quando se solta um «viva» aos Hohenzollern no *Reichsrath* austriaco, todos ficam mudos de terror e só a custo recobram a necessaria presença de espirito para oppôr a este grito uma saudação mais leialista?

Não é difficil a resposta. Ninguém acredita na Alemanha, que um Wittelsbach, que possa ser perigoso para a estabilidade do imperio allemão, enquanto que na Austria todos estão convencidos, que os Hohenzollern ha-de em dia desempenhar papel importante na desagregação do imperio austro hungaro. Porisso o que n'uma camera ninguem tomaria a serio, é na outro motivo de serias preoccupações.

Realisaram-se as eleições geraes em França e o resultado d'ellas, se bem que ainda não seja definitivo, já deixa antever a feição predominate do escrutinio, embora haja 174 empates, que só no dia 11 de maio se ha-de decidir. A eleição caracterisava-se por dois factos importantes, cujo alcance não é licito desconhecer — a victoria do governo sobre os partidos opposicionistas colligados; e a victoria inesperada dos nacionalistas em Paris, o que de momento robustece este partido não só no parlamento, mas até no paiz.

Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley d'Araujo (*)



ORREIAS inflamadas as questões judiciais da Condessa de Geraz do Lima contra seu padraсто o dr. Alberto Carlos de Cerqueira de Faria, quando, um dia, abrindo a correspondência, encontrei eu uma carta do dr. Vicente Ferrer, datada do Recife, pedindo-me os impressos que houvesse publicados n'esses pleitos, onde eu era defensor do homem notabilissimo, e puro e raro, que foi o dr. Alberto Carlos, a quem esses processos roubaram a vida.

Claro, quem, assim, de longe, se interessava pelas cousas forenses portuguezas, não era, por certo, um espirito vulgar.

Todavia nós não nos conheciamos pessoalmente. Não me recordava de ter ouvido falar d'elle. A esse tempo, tambem, elle estava no começo de sua vida profissional. Mas esse franco apello a um collega, sem duvida no acolhimento que o recebera, era tão atrahente, fazia tão bem, que não mais lhe esqueci o nome.

Não preciso dizer que logo lhe mandei, n'uma effusão de affecto, tudo quanto conhecia publicado da cruel demanda. A profissão absorvente, porém, retomou me; arrastou-me ao vertice e continuei levado no turbilhão de todos os dias. Foi velocissimo esse instante, que me detivera a regalar a vista em consas assim tão sinceras e despretençosas e confiadas. Tempo depois, sendo eu advogado n'um pleito contra alguns subditos brazileiros, que possuíam bens no Algarve, e que residiam então no Brazil, começaram a vir-me ás mãos jornaes de Pernambuco, em que eu era agredido ferocemente. A injustiça era sangrenta; e tanto mais me chocava quanto eu, desde a infancia, tinha do Brazil uma visão particularissima de sympathia. Na Universidade, eu pugnavo pelo direito de emancipação das colonias e tinha deante de meu espirito a antiga colonia portugueza. A independencia do Brazil era para mim um facto de um relevo enorme e de uma significação inequivoca nas deducções scientificas a que dava logar. Essa independencia, eu, generalisei-a; quasi a adorava, tão irresistivel argumento em reforço de verdades sociologicas eu entendia comprehender-se n'ella! Açores, Africa, India, tudo me apparecia então n'uma miragem multicolor juvenil, constituindo nucleos, agrupamentos, que um dia viriam a conecorrer emancipados á nova organização social, que o futuro guarda e que talvez não esteja tão longe, como se cuida; pois que com os grandes phenomenos sociais parece dar-se o mesmo que com as grandes montanhas. Quanto mais nos aproximamos dos massicos do centro e do cume, quanto menos se lhes avista a colossal grandeza. Eu tinha então uma grande fé no futuro (e ainda a tenho). Por esses tempos andava entusiasmado com as fulgurações do talento do grande Rudolph Ihering, que via no *Direito* a lucta perpetua e sempre ascendente contra a *injustiça*. Ao calor d'estas ideias a noção liberdade pessoal ampliava-se me; estendia-se aos povos, collectivamente, e dava-me para as colonias esta visão, que me parecia tão natural, como seria, como inevitavel, e eu, concluindo os estudos universitarios, propunha-me sustentar, entre outros theses, que tambem foram afinal anathematizadas pelo conselho escolar, a *do direito de emancipação das colonias*; e saltava-me impaciente o coração de me ver, deante da grande massa da mocidade academica, contra o grave conculco dos Doutores, a advogar a admiravel causa da emancipação das conquistas d'alem-mar. O lapis orthodoxo, porém, do decano da Faculdade riscava-m'a por ser *attentador da ordem publica*, e limitou só me restava a consolar-me *o pure se movet* e a confiança illimitada nas leis naturaes, unicas rezes e vivas.

Nem isto, meus amigos, é digressão, e quanto tenho afastado do meu querido collega Vicente Ferrer. Não, aquella emancipação do Brazil fora tão logicamente imposta na evolução social da colonia, ella fora tão inevitavel, tão cheia de promessas, que o futuro bem o tem provado, e agora, n'este mesmo momento, e n'este mesmo Ferrer, legitimo representante dos emancipados, ahi tendes, no seu personagem profissional, scientifico, litterario e patriótico a melhor contraprova, viva, palpitante, da maior idade a que chegára esse grande povo.

Por isso a injustiça da aggressão que de lá me era feita, desco-nhecendo-se o estado do meu animo para com o Brazil, me pungira tão dolorosamente.

Transportado em imaginação ao grande continente sul-americano, foi-me excitada a memoria de que tinha alli mesmo, no proprio Brazil, uma alma grande que pulsava vivida. Era de mais, e mais um advogado, e isto quer dizer, uma victima, por enquanto sempre em lucta contra o egoismo, e nunca arrependida dos impulsos nobres do altruismo. Recorri a elle. Enviei-lhe os folhetos impressos da causa. Expliquei-lhe o que havia.

Se não fosse a um homem d'esta grande profissão que me dirigisse, eu talvez tivesse desanimado do resultado da minha pretensão. Assim nem um momento me esqueci d'elle.

Vicente Ferrer sahia a campo em minha defesa, a alma vibrando vigorosamente, a consciencia inflamada. Os adversarios emudeceram deante d'elle.

A's primeiras impressões, já contadas, que recebera d'este homem, juntaram-se então a amizade e o reconhecimento, a admiração por um espirito que assim sentia a Justiça e que assim comprehendia e praticava a solidariedade universal da profissão, lá, de tão longe, e atravez do Oceano.

Conheci então a rebutez intellectual e a aptidão profissional do Dr. Ferrer.

Não mais cessou entre nós este indizivel prazer do convívio intellectual, e a comunicação do que pensavamos, do que escreviamos, do que nos succedia, tem sido ininterrupta desde então.

Ha pouco um bilhete postal, escripto á pressa, annunciava-me a partida do dr. Ferrer de companhia das queridissimas filhas, e, dias depois, annunciavam-me no escriptorio o grande advogado que, sem ter visto mais ninguém ainda, sem mesmo ter repousado instantes no Hotel, onde deixára a familia, vinha abraçar-me, cheio d'aquella vivacidade que tão proeminente é n'elle, transbordando de *fraternidade*, que é o signal certissimo da alta elevação de cultura social, quando sobretudo ella assim se derrama entre homens, que são por officio, e naturalmente *adversarios*; mas que todos só collaboram na conquista da Justiça e do Direito.

N'esta aparentemente minima, circumstancia, eu attentei logo. Sentir assim e poder assim vibrar, nos seus indefiníveis matizes, o affecto, é o que faz para mim o encanto da nossa especie e que nos dá o alento, que tão preciso é para viver, de acreditar que á medida que avançamos no tempo a seleção va fazendo-se, imperceptivelmente por ora, e que esta aspiração vaga ainda, mas intensa da perfeição moral não é só uma visão sempre fugitiva e inaprehensivel.

Que advogado, calculem agora, que advogado não ha de ser quem é assim sensivel desde o mais fino estremece do sentimento ao mais energico pulsar do coração deante da fraqueza perseguida, da injustiça cruel querendo triumphar da pobreza mermes!

Eu peço á redacção do *Brasil-Portugal* que é que pode haver perdão para isto! Não perdoe de se ter perdido de mim a biographia classica do Ferrer, desde o *locus ubi* do nascerem, a provincia, o conchelo, e a freguezia; peço me perdão não lhe dizer a data do baptismo, os nomes dos paes e dos avós, o dia da matricula escolar do futuro caudex, a data do doutoramento com os viridentes inseparaveis lauros academicos e todas as mais cousas decorativas do protocollo, ou das pragmaticas officias.

Eu já não espero curar-me. Sou, estou a vê-lo, innocerivel; mas tudo isso, para retratar um homem, sempre me pareceu que valia tanto como a valente bengala de castão rico, que ha poucos annos ainda eu vi reproduzida n'um retrato de um homem já celebre da politica portugueza, n'uma das exposições, onde os nossos artistas teem de *soffrer a concorrência* e o *contrast* das numerosas produções picturadas das meninas amadoras expositoras.

Olhem aquelle retrato adoravel do Antonio Candido feito pelo Salgado. Que lhe poz elle? a luz jorra do alto, illumina-lhe a fronte, onde as ideias se engrandalam, para jorrar cá fora em buriladas frases. E mais nada. Olhem as obras incomparaveis do Columbano. Olhem como elle vê o modelo e como lhe sabem os retratos inequaleves, que elle só faz, dos homens de letras, dos talentos rutilantes da nossa terra. Está a gente tão longe da certidão do assento de baptismo, quando se acha em frente de taes trabalhos!

Quem me dera poder aqui com a penna traçar do Vicente Ferrer um retrato assim!

É a apresentação de um advogado estrangeiro, que os meus amigos, me pediram. Este advogado era um amigo meu. Dizendo o que tenho dito, e que copio das reminiscencias da minha pobre vida, não posso dizer mais; porque não sei dizer mais. Outro fará a biographia classica do dr. Vicente Ferrer. Eu não. Que aventura em que me iria metter! A classicismos já não resistem nem o encantador Baudry do *foger* da opera de Paris, nem o velho, o bom Camille, que sonhava em Paris, na escola, filhas de Pharaó tristissimas e pentaedas a primor. O Ferrer acha-se em Lisboa, onde veio pela primeira vez, tão bem que quasi lhe custa a sair da cidade, onde não viu decerto (nem eu lh'o perguntei nunca) o *mar-more* classico do nosso bom Herculano. O Ferrer é um homem palpitantemente moderno. A crinolinologia lombrosiana empolgou-o. Elle ahi anda, em Lisboa, (á beira do Tejo!) a passar horas na penitenciaría, já ambara de Campolide, no horrendo Lameiro, ou nas *de correção*, d'onde sahia dizendo, que devia ser arrazada. De pois de Portugal, o dr. Ferrer va é Italia. Só pensa em Lisboa, onde discipulo, ouvir o verbo sereno e imponente do Lombroso, e a palavra chamejante do Ferri.

O Ferrer conhece a litteratura juridica portugueza como qualquer de nós—e não só a que veiu circundando até ao Borges Carneiro as Ordenações do Reino; conhece o mundo juridico contemporaneo de Portugal igualmente bem.

Está a fallar-se com elle, e não sente um estrangeiro. A mim

dá-me a impressão de um antigo condiscipulo, companheiro do fóro, que nunca sahisse d'aqui.

Nos seus antepassados encontra-se o sangue portuguez. E' em Pernambuco o advogado de toda a colonia portugueza e honra-se d'isso. Homem de sciencia verdadeiramente do seu tempo, não tem catarros aborrecidas, não tem *cabellera* ao seculo XVII. No meio da viveza com que o vejo communicar comosco, inflamado, dedicado, sem premeditações cavilosas de dar boas idéas de si, não sei o que é que me diz que o dr. Ferrer deve vir a ser um homem infeliz, porque o mundo ainda não está para espiritos assim.

Para se ver, meus ex.^{as} amigos, como eu não sei nada (nem saberei nunca) de convencionalismos classicos, para poder-lhes satisfazer ao que me pediram, apresentando, na sua Revista, um dos mais notaveis advogados brasileiros; basta dizer-lhes que não encontro chuve d'oiro para fechar estes apontamentos. O dr. Ferrer, (faltava-me este traço, que é importantissimo no busto de um

legista do seculo XX), o dr. Ferrer, falando-me, ha dias, sobre a moderna escola de criminologia, dizia-me: "Eu não preciso dizer-lhe, Eduardo, que não creio no livre arbitrio, até nos *contractos* eu encontro do mesmo modo e vejo o *determinismo*."

Determinismo e responsabilidade do Hamon, o celebre professor de Universidade livre de Bruxellas, tem n'elle um convicto discipulo e entusiasmado e intuitivo, como é o Max Nordau com o Cesare Lombroso.

Os ingleses dizem: "Few things are more calculated to destroy the spontaneity of human enthusiasm than long practice in the Courts."

O Ferrer desmente este aspecto sombrio. Sua vivacidade, seu enthusiasmo devem ser inextinguíveis.

Lisboa, 23 de Maio de 1902.

Dr. Eduardo Alves de Sá.

(1) O dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo é membro do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. E' membro da commissão nomeada pelo governo de Pernambuco em outubro de 1895 para organizar o Bepertorio systematico dos diversos trabalhos relativos a sciencias geographicas, commissario do governo Estadual nos exames da Escola Normal propagadora (1891). Membro do Conselho Literario de Pernambuco (1890-1892).

Foi advogado do governador Barbosa Lima, no seu processo politico perante o Supremo Tribunal de Justica. Socio do Club de S. João Evangelista. Socio honorario do Instituto Beneficente dos Officias da Guarda Nacional. Membro da commissão nomeada para formular o Regulamento Estadual e Profissional de Pernambuco, sendo encarregado da parte referente a conflictos e assentos. Membro da 1.^a e 2.^a commissão examinadora de Juizes de Direito no Recife. Promotor, curador de orfãos e juiz municipal em S. João dos Campos em S. Paulo, (1877-1880).

Advogado civil e ecclesiastico desde 1880. Membro secretario e redactor do catalogo da Exposição Estadual de 1888. Socio benemerito do Gabinete Portuguez de Lettura do Recife.

Foi professor e socio da Sociedade Propagadora de Instrução Publica. Honorario do Lyceu das Artes e Officios e do Centro Literario Palmerense e Recreativa Juventude (Benemerito).

O dr. Ferrer defendeu these na Universidade de S. Paulo e doutorou-se em 13 de novembro de 1879.

Tinha-se bacharelado em 6 de novembro de 1877, na do Recife.

Nasceu em Pernambuco em 25 de junho de 1857.

O dr. Ferrer publicou: *Notas ao Código Penal Brasileiro e Religião e Literatura dos Criminosos*, dois capitulos de Lanhoso, que a elle se refere na ultima edição de *L'uomo delinquente*.

Tem publicado mais de 300 trabalhos forenses, entre os quaes alguns de particular valor historico, como os em prol dos Franciscanos de Recife.



A canhoneira "PATRIA"



A. CRONEAU
Director das construções navaes
Auctor dos planos de navio



Contra almirante
LOPES DE ANDRADE
Inspector do Arsenal de Marinha



VISCONDE DE CASTRO GUINDA
Vice-Presidente da Comissão
Executiva



VISCONDE DE SANDE
Secretario da Comissão Executiva da grande
subscrição patriótica



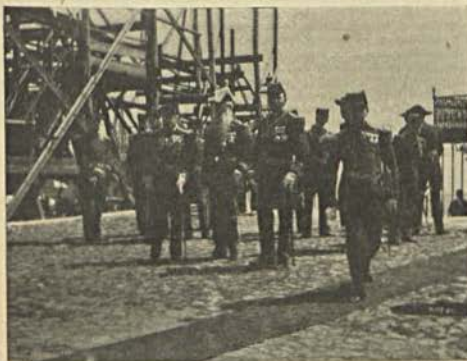
Capitão de fragata
ENRIQUE DE CASTRO CARVALHO SAJE ATHAYDE
Delegado do Governo
junto a construção de navio

A CANHONEIRA «PATRIA»

A 17 do passado realiso-se no Arsenal de Marinha a cerimonia de bater solemnemente um rebite da canhoneira *Patria*, alli em construcção, por ordem e a expensas da subscrição patriótica organisa da no Brasil para celebrar o 4.º centenario do descobrimento do caminho da India.

Esta cerimonia, que geralmente é feita logo no inicio dos trabalhos de construcção, ou quando no estaleiro são collocadas as

terminando assim a solemnidade, sendo Sua Magestade El-Rei acompanhado á sua carruagem, e recebendo, como á chegada, a continencia da guarda d'honra ao som do hymno da Carta.



GRUPO DE OFFICIAES NO SEQUITO REAL

primeiras peças, só muito tarde teve lugar no caso presente, por varias circunstancias que não vem para o caso mencionar pois nenhum interesse produziram no publico.

Mas sendo a construcção d'este navio devida á fecunda e poderosa iniciativa dos Portuguezes residentes no Brasil que, assim unidos deram mais uma vez um alto testemunho do seu acrisolado amor patrio, não ficaria bem a quem em Lisboa representava os subscriptores deixar que tal acontecimento passasse em claro.

O delegado da commissão executiva da dita subscrição teve pois a honra de convidar para esta festa patriótica do trabalho S. M. El-Rei, que de muito bom grado condescendeu em vir presidir ao acto pessoalmente, e que assim honrou os benemeritos subscriptores em nome da nação agradecida.

A cerimonia em si é muito simples e de curta duração, tendo contido para todos os interessados n'ella uma altissima significação. A 1 hora da tarde do mencionado dia era El-Rei recebido no arsenal, e á porta do pavilhão da Inspeção, pelo sr. ministro da marinha pelos almirantes major general da armada, Director geral da Marinha, Inspector do arsenal e delegado da commissão executiva da subscrição, pelo capitão de fragata delegado do governo junto da construcção, e, por muitos outros officiaes generaes e officiaes superiores, commandantes de navios e de estabelecimentos scientificos de marinha, officiaes do exercito etc.

O espaço comprehendido entre o estaleiro, a casa da Inspeção e o edificio das construcções metalicas era reservado á guarda d'honra do corpo de marinheiros que dava a direita ao Sul, aos officiaes e ao publico que em grande quantidade veiu presenciar o brilhante espectáculo.

Depois de ter El-Rei recebido os cumprimentos do estylo e de ter-se informado do estado de adiantamento dos trabalhos, dirigiu-se para o estaleiro subindo a uma plataforma armada junto á baliza 59 a bombordo do navio, ornamentada com bandeiras, trophous, e plantas variadas que produziam um surprehendente effeito.

Então o Inspector do arsenal ofereceu a Sua Magestade um bonito martello d'aço que já tem servido em anteriores ceremonias identicas, e o Senhor D. Carlos deu duas pancadas no rebite que lhe foi indicado e em volta do qual estava gravada na chapa da caverna a data do dia. Todas as pessoas presentes deram algumas pancadas no mesmo rebite,



NA PLATAFORMA ONDE SE REALISOU A CEREMONIA

A construcção da canhoneira *Patria* está já bastante adiantada, sendo provavel que o navio venha a ser lançado ao mar antes do mez de dezembro. Damos hoje algumas illustrações re-

presentando a cerimonia, bem como os retratos de alguns individuos que, pelo seus cargos, mais intimamente se acham ligados á construcção d'este navio.



A BANDA DO CORPO DE MARINHEIROS

Diz-se que a primeira commissão que o *Patria* terá que desempenhar será ao Brasil, e justo é que elle vá se mostrar-se a quem o mandou fazer dotando a marinha portugueza com um novo barco moderno de grande valor.

E assim vae, a pouco e pouco, sendo reconstituída a nossa marinha de guerra, modernisando-se o seu material, e dotando-a de novos elementos de acção para que ella desempenhe, como sempre o fez, o seu glorioso papel na manutenção da independencia nacional.



S. M. EL-REI DESCENDO DA PLATAFORMA

DR. ALBERTO FIALHO



NOVO MINISTRO DO BRASIL EM LISBOA

Não tem ainda 45 annos aquelle que está hoje á frente da legação do Brasil n'esta corte, e, contudo, pela sua brilhante carreira diplomatica e pelas commissões importantes que tem desempenhado, o Brasil reconhece-o como um dos seus filhos mais prestimosos.

Nasceu no Rio de Janeiro e formou-se em direito na Academia de S. Paulo. Pôz banca de advogado no Rio, onde é considerado como jurista consultado de valor.

Em 1852 foi como addido de 1.ª classe para a Austria, e no mesmo posto diplomatico serviu na Belgica em 1855. De 1.º de Dezembro de 1880 a Novembro de 1887 esteve em commissão no Ministerio do Imperio, hoje do Interior. No Congresso Internacional de direito privado reunido em Montevideo em 1883, foi secretario do ministro plenipotenciario do Brasil. Promovido a secretario de legação na Republica Argentina em Janeiro de 1889 foi para França removido n'este posto em Agosto de 1891, e no mesmo paiz foi encarregado de negocios em 1895. Em Dezembro d'este mesmo anno foi promovido a enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Bolivia, e n'esta qualidade removido para Montevideo em Janeiro de 1897.

Taes são os principaes topicos da vida publica do dr. Alberto Fialho que reúne a meritos de intelligencia a nobreza das qualidades pessoais, e que decerto ha-de contribuir com esses valiosos elementos para o estreitamento das relações que da familia portugueza e da familia brasileira fazem, por assim dizer, uma só familia.



O ninho da pêga

(AO ALBERTO SÁ)



—... o filho da Servo? Aquillo não era rapaz: era, em todas as castas bocas do mulherio da aldeia, o demonio em corpo e alma. Todas o acovimavam desalmadamente com tremedades d'arrenegos e pragas infernaes. As velhas, então, ao vê-lo tallavam no busto: «Santissime, sume-te, mafarrico!»

E logo, todas á porfia, num picado de lamentações rouquejantes, cadenciadas quasi sempre com soccos brandidos por punhos ameaçadores, o enxotavam para bem longe, como a um judeu que lhes quizesse pegar as suas culpas malvadas. Não! que ellas tinham razão de sobejo. Quando appareciam ao postigo á serena hora vespertina, para gozarem da santa quietude aberta pelos sons do Angelus, — olhos pregados no seu tecto d'ouro carregado e violeta, dedos enfiados no rosario, — enquanto lá abaixo, na quella a morrer de luz, passam os pares das raparigas, frescas e alegres, na piugada dos conversados; quando apenas se assentavam á soleira ao sahir das primeiras resteadas do sol festivo, para rodopiarem o fuso ou tangerem a dobadoira — eis que passava sempre esse malandrin, triunphante de sócia, feito um mestre chasqueador, e, vendo-as, atirava-as logo á summa mortificação da vergonha. Ora, perguntando a uma: «Então, tia Matilde, quantos quartilhos escorropicheon houtem? e tem engulido mi-

tos padre-nossos, tem? Quaes são melhores: estes ou aquelles? Ora fazendo a outra mil carantenas d'arlemim, picaras e obscenas, egaras alternados quasi sempre com stridentes guinchos executados com os dedos na bocca. E ás novas, e ás namoradeiras, então... Isso é que era.

— Credo, que diacho de rapaz! Este pilrete desavergonhado precisa tanto levar com um estadulho, ó José, como eu preciso do teu amor!

Pois se via alguma encurvada sobre o muro do quintalejo a soltar palavrões d'erretidas ao namorado, elle logo a fazia ficar de rosto afogando, da cãr dos medronhos caivos, com taes d'ichotes e impromptos, que nem uma santa canonizada o querreria ouvir. Emfim, com toda a gente era assim o Affonso — mangador, deturpador impio da siadade ou da amargura, — ridetissimo, allegro da galbosa; não chegando mesmo a perdoar aos companheiros de escola, seus amigos, os seus cauterios de moça castiça. E, já agora, leitor, que conheces o que é uma pèga de um gaiato rapaz aldeão — mas que eu não sei contar, — digna-te ouvir o tocco arremedo de uma das muitas que o Affonso pregava aos seus companheiros das palmatoadas escolares pelo tempo dos ninhos.

Certo dia, quando todos esses pintasilgos do a b e, metta das iras do sr. padre-mestre, e mal dos fructos albeios desajavam ruidosos as salas da escola, o filho da Servo, dando um pulo contente, chamou-os ao lado, e, baixo, assim lhes fallou: — Vocês, ó rapazes trepadores! querem um achado de se lhe dizer — bonda? Ali, n'um pinheiral, passando as vesadas do Catuna, ha um ninho de pèga... mas de pèga diferente das outras, que falla como uma pessoa, muito linda, ralhada e impromptos, e amarellos como as arrocadas da Gracinda, e de peito pretinho... Certo, é pèga d'além, d'outros montes. Mas cuida que ninguém lhea apunhará os pegunhos porque o ninho está num pinheiro muito alto, de crista a querer tocar no ceu.

— Boa te vai, ó Affonso!

— Pois cá está um que os iri apunhar nem que seja no pico dos Anjos! — resou o filho de um caseiro, — o José das calças cobidas, uma secureira de carnes, muito amarello, grande trepador e consumado jogador da berrôca.

E as outras bocas, então, com estrondo resoaram na harmonia da do collega, convictamente, isto é, harmonisaram «que todos iriam agarrar os pegunhos nem que o ninho estivesse no coruto da serra dos Anjos!» E, demoras para os preguispos, queriam que o ninho fosse apunhado naquelle instante, já, antes que ficasse vazio. Mas o da Servo, como rapaz de prudencia, recommendava que não; que bastava d'ahi a dias, depois dos pegunhos estarem cobertos; porque em penungem, pobrositos, poderiam morrer de fome.

No entanto, ardem vivos sóas de junho, que dão o fato do voojo aos pegos e aco acalentador á facundia de gaiatões do zombeteiro Affonso. E eis que depressa se lembra elle de que é preciso ir, ás escondidas, roubar os filhitos á velha pèga decantada.

Sonegado o furto ao sahir da noite, o da Servo, de index reflectido na testa, disse de si para si: — Deixae estar, meus pimpalhões arrebitados, que eu hei-de vos a pinhar com finura... e sciencia, como diz o sr. padre-mestre ao fallar das coisas de botica.

E tentado já do que deveria fazer para levar de vencida a sua obra, disse mais estas palavras: «A filha da Rita do Alpendre será o começo do meu arranjo e o resto ficará á maré da minha malagueira...»

A filha da Rita era uma pегueira atrevida, de fôrmas másculas, dona de um punhado de palmas ganho nas suas heroicidades de mulher da serra, nas correrias aos lobos na montaria, fazendo cara alta ás vezes a caterva, ou nas suas rixas com os pastores, ferindo uns e fazendo pular outros barrancos inacessiveis; verdadeira machorra que, trepando ás arvores com a desenvoltura dos rapazes, subia ás escarpas para, em porte phantastico, fazer ecoar a sua voz de garralo pela aldeia ávante quando pedia a merenda á mãe, e que, embora estivesse bem escanada nas suas idas, pelas caladas da noite, aos palheiros para se encontrar com os pastores amigos, era creaturinha que não alimentava namorios, devassões de creasceuhos. Este talho severo da Margarida agradava sobre-modo ao filho da Servo e, assim, não havia que estranhar o elle escolhe-la para aliecer da sua obra. O certo é que elle se não demorou a procural-a e, em labia ardiloso, a contar-lhe a historia do ninho, cuja posse era tão difficil como um comedante ir para o ceu.

E, todavia, elle não se ia avindo bem, porque ella disse-lhe com olhos feios que não lhe ficava bonito a ella Margarida, — a rapariga mais escoreita e tesa de todos os montes, ter de ir no monte aritrado e por via de tirar um ninho de um galho alto, acompanhada, por mal de seus peccados, de uns fedelhos, que mais pareciam lesmas no caracol.

— Mas emfim, rematou, para lhes mostrar a elles o quanto ella valia, que lá se plantava, para apunhar aquelle ninho e mais os outros todos que houvesse no pinheiral.

Uma hora da tarde. Pouco tarda para que a casa do pinheiro sinta as amarfanhadas dos fedelhos escolares e da machôa pastora. Um dubio farfalhar d'aquellas onduia pela espessura do pinhal. Em baixo, nos campos, plena quietação: é a hora do lazer, da merenda agricola, sob os carvalhos e castanheiros folhudos, com vidés folhudas pelos bracos, ás cavalleiras.

Mas, de quando em quando, sobem á matta dos pinheiros as vozes das cantadeiras e uns lampejos d'água galvanizadas pelo sol, como descem, das cabeceiras de serras acima, as toadas das canções rusticas dos zagags.

Enquanto corre esta concertada de campos e serras, acolá, por cima de uns pádeis, um milhafe, subindo, fôrma suavemente uns circulos na poilha luminosa de phebo; e depois, descendo, abate bruscamente um trazo obliquo em direcção de uns cabeços de carvalheiras; mais acolá, por entre o arvoredor dos eitos sãfuros e chavascas eternos, morrem em

compasso os cantos esganicados dos gaios, — enquanto que, um pouco para cá, vivem alegres as chilreadas das aveiastas espalhadas pelos ares doces do grande eito das glabelas.

Mas, eis-nos com as alegrias dos rapazes. Veem todos em magote, em tripudio delirante, jocoso. Correm logo a abraçar o pinheiro do ninho, — scena que, á primeira vista, lembra a de um bando de d'encollos, mal do Carvalho viuado, nas Gálgas, nas deliradas dos seus mysterios.

A Margarida ainda não está e, como está a tardar, já se diz no grupo que se ella não vir tambem se não perderá nada; que o do da Servo destá, dizendo que assim não valia; depois d'elle a afoitar para vir com assentimento de todos, não vem subir sem que ella chegue...

Nisto a vigaro surge por entre as sebes de giestas e tojas, a gritar: «Não subam, esperem! eu já lá vou, seus pirralhos, seus lesmas!» E elle, nervos, que lambe as suas mãos, obediencia, como se o estivesse na palmaria, estivesse ali, em frato com a mão visinha. E que não esperassem! Ella não dissera que lá, embora tivesse de deixar a ovelhada ao deus-dará, á pingada das tapadas alheias, só por mor de cumprir a sua palavra?!

Começa o martyrio das calças remendadas, — martyrio tambem para as remendeiras: por que d'aqui a pouco, ao serão, terão novo trabalho sobre trabalho velho, para que o *desarraganhado* possa ir de manhasinha levar o grão á boia.

O primeiro a trepar é o filho do Domingos da Cal — um rapazote de olhos muito vivos, velhacos, cabeça crivada de lanhos das renzilhas com os collegas, e que promete ser um hereje, pois já uma vez dissera ao sr. padre-mestre que não gostava nem migalho de aprender a Cartilha. Mau trepador, não estava ainda na altura de um carraqueiro novo que os outros o viriam rolar pelo pinheiro abaloi. Tal qual, de mão inepta, do trepador, a torsoção sobremodo o genio da macha, que não conteve sem dizer: «Saíam-me já d'aqui pra fora, seus pirralhos! que eu vou lá arribar num instante!» Todavia o da Servo depois soube acalmá-la: quasi de joelhos, pediu-lhe pelas alminhas do caminho de Simões que não fosse; que deixasse primeiro treparem todos os rapazes, para depois, caso elles não apanhassem o ninho, ella subir e só ella rapariga ter a gloria de apañal-o... A' fór, que a virago gostou d'estas palavras; e, cãhida no seu encantamento, affixou em grande onda os seios de fartura barbara, ao passo que dizia documento: «Está bem, suas creanças, está bem — Podéis trepar...»

Sóbe mais um — um machacaz Beirão que, posto tivesse sido bafejada a sua eracão pelos ares rigidos e glaciaes da augusta serra da Estrela, tambem não consegue alçar a Palma. Sóbe mais outro, e outro, e o da Servo, e, affim todos... O unico que dá mostras de grande trepador, chegando quasi a alcançador-se no galho do milho, embora com a hilariadade de todos, por as calças, grandes malvadas, o puxarem para o chão — é o José das ditas chibias, muito affeito a trepar nos castanheiros pelo tempo dos ouriços semi-arreganhados. Chega, finalmente, a vez da pastora: e vê-se immediatamente o rapazio pasmado, d'olhos pregados na rapariga; que se avia para subir: — mas pasmo que o não sente o Affonso, so que se arreda da pinha com os seus ares velhacosos, — e o seu riso entre-aberto do logro, da peça.

Entre os outros certos risinhos malignos, garrulicos da Carne, na pequena turba escolar: e alguns dos risinhos tapam a cara com as mãos... abertas em leque, outros, francos, sem nenhum respeito á innocentinha Dryas, não a tapam, e arregalam bem os olhos para a trepadora. Nisto resôam alentadas gargalhadas: todos se viram e veem, medido na azinhaga, o filho da Servo, que, entre as gargalhadas, esgares e estalões de mãos sobre os joelhos, lhe diz: «O tolos! 6 anos!... Olha! O ninho... ? queir-o? Está lá... a subir...» E, depois de apontar para a Margarida, num relampago deixa a azinhaga, atira-se á collada que dá para o carreiro de casa, rindo sempre, sempre nesse poema de risos infantis, perdidos, verdadeiros, mas perversos, eusticantes, para aquelles que não sabem rir.

... E a pastora, num pasmo de estarrecer, tão, unico — lá ficara sobragada ao tronco do Pinheiro, quèda, a espreitar a fugaz inesperada do Affonso da Servo e a ouvir as gargalhadas infindas dos outros rapazes em baixo.

Rio de Janeiro.

COSTA MACEDO.

AUGUSTO GIL

O auctor do livro *Versos*

Habemol-o de sóbra — um desdenhoso riso sempre que os jornaes annunciam um novo livro de versos; mas, d'essa instinctiva indifferença por mais um luctador que apparece, por mais um artista que nos vem dizer a sua magua ou referir as suas esperanças — até á verdadeira critica, valorizando ou depreciando a obra, vai mais que uma loja de barbeiro. O publico habitou-se a não ler versos, e não virá longe o tempo em que a gente o lêpe a não ler coisa nenhuma. Os poetas hoje são olhados como illudidos mendigos, inuteis na lucta, incapazes d'uma grande empresa mercantil, e d'ahi o seculo pol-os fóra das suas relações, este seculo pratico e ambicioso que os imagina estereis e que vê todo o trabalho intellectual como uma industria sem futuro e a obra d'arte como um capital que não realisa juros vantajosos. Mas, os modernos cultores tambem toem a sua parcella de culpa no presente estado de coisas, porque em Portugal os versos apesar de re-

jeitados são como cogumellos e, salvo raras excepções, os livros apparecidos são mais, muito mais mesmos. Ora entre as excepções o de Augusto Gil, é um bom livro, primoroso de fórma, colloco-o entre os melhores documentos da pleiade nascente. Gil é um poeta, um grande poeta, raro entre os eleitos, pertencendo a uma quasi affastada geração colimbrá de artistas e que, por emquanto, foi a ultima digna de applauso. Os versos dividem-se em duas partes: *A' luz do amor* e *A' luz da vida* e em ambos o poeta afirma a sua individualidade, as suas predilecções artisticas, a sua fé, o seu desalento, a sua ironia. Porque é a ironia o traço característico d'este poeta-irmão de Cesario Verde, Antonio Norre e de José Duro — para mim — os maiores entre os novos que conheço, á parte Fausto Guedes, o *muscatiano* e doloroso poeta do amor. De todo o livro do Gil, profundamente triste e angustiosamente sentido, deixam-me um cruel trazo de amarçura, pois-me lagrimas nos olhos — para que negal-o? — a *Tarde atropia* e o *Diadema*. Este ultimo vale a melhor pagina d'um qualquer grande lyrico. O poeta publicára, ha annos, o seu livro estreito: *Musa Cereia*, lyrico curioso de quem ensaia as primeiras notas, de quem tenta um primeiro vôo, e já ali o seu tenaz sentimento de peninsular, amoroso e ansioso fizera prever o actual triunfador do Verso.

As trizanas de Coimbra, *Um coração*, *Martha e Maria*, *Sê feita*, são carinhosas trovas, cheias de amor, que documentam uma alma e affirmam a alta envergadura poetica d'um alto espirito. *Canções* é uma collecção de quadras que a guitarra do Hylario e de a tantos D. Juans anonyms immortalisaram, por noite velha, estrada adeante, sob dolencias provocantes do fado. O poeta publicando-as reivindicou para si — que já o sabiamos — o direito do auctor, pois que varios valdeirnos pillando-lh as na tradicção oral, que é talvez o peor *sello da roda*, quizeram dar-lhes a paternidade. O livro termina com duas cartas: *Carta a Diogo Teves* e *Carta a des'ora*. Na primeira o poeta conta, de longe, ao velho amigo todo o sadario das suas illusões mortas, o seu desespero, as suas ambições de rapaz cahidas por terra a um vento forte de desgraça:

Queimei em alcool toda o meu vigor,
Gastei em beijos toda a modicidade;
E como floci ars de sapper,
Nem no alcool achei felicidade,
Nem n'esses beijos encontrei o amor...
.....
Tenho chibta de brancas o cabelo,
E uma myelite a apodrecer-me a espinha...



Na segunda é a historia d'um amor d'artista pela belleza plastica, pelo rythmo da forma:

.....
O novo — seja um verso, uma malher,
Ou o friso delicado d'uma pedra...

E assim são os Versos: amor e desespero, uma fugidia esperança e um desalento, um riso livido e uma lagrima, a vida do poeta toda em sobresalto, como n'um boletim de convalescente o estudo das fases da doença, as melhoras e os agravos d'aquelle mal que o pressegue, que o cingea, mal reflexo que o seu estado fisico desperta e que só o amor d'alguem

(Que é n'esta obscuridade de estudante
A luz do sol illuminando um povo...)

alliva, pondo um clarão em toda a treva do livro, porque Augusto Gil escreveu todo um poema luctuoso como a sua vida. Lagrimas.

E se alguém, em talvez, lhe dissesse que essas lagrimas são aberrações, elle que me perdoe o nosso egoismo, pelo bem que nos fiamos chorando-as. E que o poeta volte de novo a sua vida ántiga de rapas, triufando do mal, vigoroso e alegre como então, seria todo o nosso desejo se não fosse já a nossa fé.

SANTOS TAVARES.



Artistas portuguezes no Brasil



1



2



3



4



5



6



7



8

Alguns dos artistas que fazem parte da Companhia Taveira que parte no dia 2 de junho para o Rio de Janeiro com Angela Pinto.

No proximo numero daremos os restantes.

- 1 — Monica Reis
- 2 — Carlos Santos
- 3 — Carlota Fonseca
- 4 — Nanette de Souza
- 5 — Emilia Eduarda
- 6 — Francisco Franca
- 7 — Augusto Conde
- 8 — Maria Santos

BRASIL-PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50

Paginas supplementares: Off.º Estação Nunes & F.ºº
Rua d'Assumpção, 18 & 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Loriz Tavares

Editor—Luiz Antonio Sanches

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 113

Ead. telegraphico—BRATGUAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	5\$000	Anno.....	7\$000
Numero avulso.....	1\$000	6 meses.....	2\$500	6 meses.....	4\$000
		3 meses.....	1\$500	Numero Avulso.....	5\$000
		Numero avulso.....	5\$000		

SUMMARIO

TEXTU

Exposição d'arte — HENRIQUE DE VASCONCELLOS.
Sempre bonita — ANSELMO SCRIBL.
Pensamentos
As nupcias — BULHÃO PATO.
Uma brincadeira de estudantes.
Politica Internacional.
Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley d'Araujo — DR. EDUARDO ALVES DE SÁ.
A contenciosa «Patria».
Dr. Alberto Fialho, novo Ministro no Brazil em Lisboa.
O Ninho da Pátria — COSTA MACEDO.
Augusto Gil — SANTOS TAVARES.
Artistas portugueses no Brazil.

35 Illustrações

PAGINAS SUPPLEMENTARES

Os nossos correspondentes.
Representantes do «Brasil-Portugal».
Bom conselho.
O CEGO — Romance de PEREZ GALDÓS.

ANNUNCIOS

Os vinhos de Adriano Ramos Pinto. — Porto
Villar d'Allen—Vinhos—Rio de Janeiro.
Grande Hotel Metropole—Rio de Janeiro.
Bilhars de precisão—Lisboa.
Casa Ancora—Manaos.
H. Porry & Son—Lisboa.
Filhos—Porto.
Escola Academica—Lisboa.
Almeida Serpa Pinto—Porto.
Dr. Alves Quintella—Porto.
Casa Baquet—Porto.
Livros uteis e instructivos—Lisboa.
Veados.
Companhia Geral do Credito Predial—Lisboa.
Cabrete Hydrotherapico—Lisboa.
La Union «El Fénix» Español—Lisboa.
Cunha & Irmão, joalheiros—Lisboa.
Almach Illustrado Brasil-Portugal, para 1903.—Lisboa
J. Nunes Corrêa & C.ª—Lisboa.
O Tiradentes—Porto.

João Eduardo dos Santos — Lisboa.
Agua de Carabaha — Lisboa.
Cesar A. Paiva, dentista — Lisboa.
Grandes Armazens Herminios — Porto.
Chapelaria da Moda — Lisboa.
Atelier d'Alfaiate A. Couto.
Agencia Financial de Portugal — Rio de Janeiro.
Lemos & Filhos — Porto.
Guilherme Sily — Lisboa.
Banco do Minho — Braga.
João Ferreira — Porto.

NA CAPA

Garantia da Amazonia — Belem — Pará.
Brazil-Portugal — Lisboa.
Noire Dame de Paris — Rio de Janeiro.

OS Nossos Correspondentes

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes:

No Brazil

RIO DE JANEIRO e S. PAULO — (Agencia Central dos Estados do Sul, Coronel Theodoro Pupo de Moraes e José Martins Pollo, Rua de Alameda, 4, sobrado).
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira. — Rua Primeiro de Março, n.º 14.
MANAOS — Jayme & Camara — Livraria Classica — Rua João Alfredo, 50.
S. PAULO — J. B. dos Santos — (Livraria Classica) — Rua Guilherme Moreira.
MARANHÃO — Leoncio J. de Medeiros & C.ª
CEARA — A. Ferreira Braga — Praça José Alencar, 30
BAHIA — José Luis da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palacio, 25
PELOTAIS — Cezario Pinto & C.ª (Livraria Americana).
PORTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana).
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.ª (Livraria Americana) Rua Marechal Floriano, 100.

Em Africa

MOÇAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho
MOÇAMBIQUE — Joaquim Teixeira de Assumpção.
QUILIMANE — Henrique Jorge de S. Neves.
BENQUILLA — Mathews & Tavares.
LOURENÇO MARQUES — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorença.
S. THOMÉ — L. A. B. Alves Mendes

Na India

NOVA GOA — Antonio M. da Cunha — Casa Luso Francoza — Rua Alfonso de Albuquerque.

No Continente

PORTO. — Joaquim Caldas e Brito, Rua Pinto Bessa, 240.
BEVOA. — (Agente geral em Evora e no Sul) Luis Freire Correia, Rua de Mouraria, 77.
BEIRA VENTE. — J. B. Carvalho.
PONTE DE LIMA — Gama, Amarel & Com.ª
COIMBRA — João Ribeiro Azevedo, Arco do Ivo, 1-2.
CASTELO BRANCO — Pedro Augusto Passos.
ABRANTES — Antonio Augusto Salgueiro.
ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.
A. COBRANCA — José Narciso da Costa.
PORTALEGRE — Domingos da Guerra Conde LERIA — Manuel Pereira Dias.
FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.
VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.
COVILHÃO — José Pereira Cabral.
TAVIRA — José Maria dos Santos.
FARO — Mays & Trigo.

No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Cléber, 61.

REPRESENTANTES DO «BRASIL-PORTUGAL»

No Estado de S. Paulo (Brazil) representa o Brasil-Portugal os srz.:

Daniel Monteiro d'Abreu, em S. PAULO.
Zeferino Lourenço Martins (vice-consul de Portugal), em SANTOS.
Alberto da Silva Costa (rua do Barão da Jaquara, n.º 1), em CAMPINAS.
Dr. João Guedes (rua do capitão Miranda, 8), em AMPARO.
A. Vianna Pinto de Sousa (vice-consul de Portugal), no RIBERÃO PRETO.
Rio Solimões — J. C. Mesquita (casa Andersen) — MANAOS.

Bom conselho

— Como tu está abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!...
— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão fransino!
— Corres, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

Conselho d'Amigo...
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!

O nosso proximo numero

No n.º 80 daremos um bel
lo retrato do jovem REI DE
HESPAÑA, D. AFFONSO
XIII e encetaremos a publica-
ção de umas chronicas littera-
rias de JOÃO CHAGAS.

Reproduzremos tambem um
grupo da celebre atriz japo-
neza SADO IACO, com seu
marido e seu filho, tirado ex-
pressamente para o BRASIL
PORTUGAL.

Correspondencia de Quelimane

Abril 4. — Vae ser remettido ás instancias su-
periores um relatório do governador do Zambé-
zia que, segundo nos consta, é a expressão da
verdade crua, relatando com minuciosidade o
estado calamitoso em que agonisa o districto.

Afirmou-nos que o relatório do sr. governador
Sousa e Faro é o fructo d'um aturado estudo e
infatigável trabalho, digno de toda a attenção
dos altos poderes.

A nova tabella dos paquetes da companhia ale-
mã «Oest African Linie», unica que faz carreira
entre Quelimane e a metropole, tem prejudica-
do enormemente o commercio europeu e o cor-
reio pela demora consideravel causada pelo trans-
bordo da carga de Lisboa em Hamburgo chegan-
do aqui com o atraso nunca inferior de tres a

quatro mezes, vindo a maior parte da carga po-
drer em resultado de tão exagerada demora.

D'aqui resultou que o commercio vae impor-
tar a batata, cebolla, massas, farinhas, etc., etc.,
de Hamburgo porque a importada de Lisboa
chega a Quelimane totalmente pôdre.

A importação de mercadorias da India, louças
finas do Japio e China verdadeiras e imitação,
D'aqui de prata, ouro, marfim, xadrez, campho-
ra, etc., etc., está definitivamente paralisada.

Os negociantes mouros, vatiás e baneases que
teem escapado á fallencia pensam prudentemen-
te em fechar as suas casas e retirar.

Esta importação que tão importantes lucros
dava aos cofres do estado, ainda ha tres annos
era riquissima, hoje está limitada a algum arroz,
farinha, petroleo e alguns generos da alimenta-
ção especial e vestuario d'estes negociantes.

Quem diria ha quinze para vinte annos, vendo
essas riquissimas machillas de pannos de sêda,
correntes de ouro ou prata, os machilleiros adon-
dados de ricos pannos de sêda, cintos e capace-
tes de ouro e tartaruga com pedrarias, feitos
expressamente na India com ouro do Zambézia
que este opulentissimo e fertilissimo paiz havia
de chegar á miseria e insignificancia em que
cahiu?

Ainda continuam as chuvas apesar de muito
lôra do tempo. Reciea-se grandes perdas nos ar-
rosaes.

Continuam os casos de febre.

Os temporaes tem causado importantes avarias
nas linhas telegraphicas, com especialidade nas
inglesas que estão continuamente interrompi-
das seguitas ao despacho e a grandes demoras.

A linha telegraphica entre Vello Bocage e
Chauamo tem estado submergida apesar da sua
conveniente altura pelas cheias do Zambézia.

Foi comprado para a installação da agencia
do banco nacional ultramarino, a casa sita na
rua do Livramento pertencente ao espolio de Ma-
noel Antonio.

Seguiram para Lisboa a bordo do vapor Alle-
mão Bundarath as ex.^{mas} Sr.^{as} D. Olympia das
Naves Freitas e Pinho, D. Margarida Adelaide
Teixeira de Moraes e uma irmã da missã de
Nossa Senhora do Culyni afim de se restabele-
cerem.

Foram transferidos da delegação aduaneira de
Quelimane para a sêda do circulo em Lourenço
Naves Freitas e Pinho, D. Margarida Adelaide
Pedro Pessoa Lencastre, 2.^o aspirante Antonio
Martins Dias, 3.^o aspirantes Joaquim Fernandes
da Silva, Elias Marques de Carvalho; e par
Inhambane o 3.^o aspirante Francisco d'Oliveira
Pegado.

Fica substituindo o sr. Lencastre na direcção
d'esta delegação o Sr. Eduardo da Costa Freitas
Jacome, digno zeloso funcionario que já n'ou-
tras occasiões tem dado provas da sua alta com-
petencia.

Deve seguir brevemente para Milange o Sr.
Antonio d'Azevedo Pinho, tenente da guarnição,
afim de assumir o commando militar d'aquella
região.

Pelo digno delegado de saude Antonio Maria
Flôres Lanceiro tem sido mandado enterrar por
varias vezes o gado abatido no talho municipal
por estar incapaz para consumo.

Este digno e zeloso funcionario é justamente
apreciado e considerado pelo zelo e dedicação
com que desempenha o seu d'ficil e laborioso
cargo.

E' extraordinariamente incomprehensivel a
exorbitancia a que subiram em Quelimane as
rendas das casas a particulares nos ultimos 2
annos.

Ha casas infamissimas de telha velha, modelo
antigo, chovendo como na rua, de cucutillo, hú-
midas, verdadeiros ninhos de ratos, morcegos e
mucchem, focos de febre, e verdadeiros açougues
dos europeus, a 12\$000, 17\$000, 20\$000 e
25\$000 reis por mez!

VINEIOS VILLAR D'ALLEN CHAMPAGNE VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

AGENTES: JOAQUIM JOSÉ GONCALVES & C.^a

Rua 1.º de Março, 59 — RIO DE JANEIRO

GRANDE HOTEL METROPOLE

Incontestavelmente o primeiro do Rio de Janeiro

Gerente: CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O **Metropole**, pelo seu conforto e situação pittoresca,
é o hotel preferido por todos quantos chegam da Europa.

Bonds electricos dia e noite

A 5 minutos da Estação do CORCOVADO

Rua das Laranjeiras, 181

RIO DE JANEIRO.



Pergunta-se o motivo de tão exorbitante renda, ninguém responde, ninguém sabe! .. ganancia que explicaremos mais tarde.

Entretanto o pobre funcionario publico, que é sempre o burro de carga, é quem vai pagando as consequências; por um lado o orçamento a diminuir-lhe os ordenados, por outro os senhores e os lojistas que o esfolam!

Vae bonito!...

Cartaz da quinzena

D. Maria. — Nos espectaculos sensacionais prepara o theatro normal, uma festa em honra de Gil Vicente e outra em honra da actriz Virginia.

Na primeira, representar-se-llá alem da comedia de estreia. *Le Mariage forcé* para a qual o sr. Sousa Monteiro escreveu um prologo e que traduziu em verso, estes dois autos de Gil Vicente:

Auto da alma, feito por Gil e Rainha D. Leonor e representado por mandado de seu irmo o Rei D. Manuel, nos Paços da Ribeira, na noite de quinta feira de endoenças, em 1508.

A distribuição do auto é esta:

Alma.....	Virginia
Anjo Custodio.....	Luz Vellosa
Igreja.....	Georgina Pinto
S. Agostinho.....	Mello.....
S. Ambrosio.....	Maia.....
S. Jeronymo.....	Joaquim Costa
S. Thomaz.....	Posser

A farça de *Ignes Peres* representada em 1523, pela primeira vez, diante de D. João III, no seu convento de Thomar.

Ignes Pereira.....	Cecilia Machado
Sua Mãe.....	Emilia Lopes
Leonor Vaz.....	Amelia Vianna
Pero Marques.....	Joaquim Costa
Laflo.....	Galvão
Vidal.....	Nobres
Escudeiro.....	Ferreira da Silva
O moço d'este.....	Theodoros Santos
Luzia.....	Judith
Fernando.....	Carlos Santos
Evaristo.....	Maia

D. Amelia. — Continua a companhia de Zarzuela, com o seu variadissimo repertorio a divertir o dilatantissimo chile preso de salero das suas tiples e das notas alegres da musica hespanhola.

Para breve, annuncia-se a appareição em tres ou quatro espectaculos da celebre actriz japoneza Sada Iaco e de Loe Fuller, a inventora da dança serpentina, que é a sua emprezarria e que a contracto para dar uma tournée pela Hespanha e Portugal.

Sada dará no 1.º espectáculo as peças *Kosen e Mercador de Venetia*; no 2.º *Shogun e Zisgoro O boneco*; no 3.º *Ghesha e o Cavalheiro e Kesa*; e no ultimo, talvez uma matinee.

Trindade. — A companhia da actual emprehza está a terminar os seus espectaculos e será breve substituída por outra que inaugura a epocha com o *escriu sem comecer*, dando logo a premiere das *Mil e uma noites*, operetta-magica em 1 prologo, 3 actos e 12 quadros, accommodada á scena portugueza por Eduardo Garrido, que deve ser representada brevemente no theatro da Trindade:

«Schariar», sultão das Indias.....	F. Costa
«Badrabuduro», seu favorito.....	Santos
«Chim-Pin-Zá», mandarin.....	Santos Mello
«Ab-Haz-Haxi», secretario do mandarim.....	Gomes
«Aluluk-feticheiro genio negro».....	Soares
«El-Fur»,.....	Salvaterra
«Giffar»,.....	João Silva
«Grip-Visir»,.....	Firmino
«Um besouro».....	Mello
«Agib»,.....	Grabriel
«Mok-Ho To-chim»,.....	Barreiros
«Hassak», commandante das guardas.....	Barreiros
«Um gafanhoto».....	Gomes
«Herim—o genio branco».....	Izaura Ferreira
«Rainha Diamantina».....	Estephania

«Scherazade».....	Delph. Victor
«Dinrazada».....	Accacia Reis
«Prinzeza Atalmuck».....	Dalia
«1.º Borboleta».....	Delphina
«2.º.....».....	Accacia

Titulos dos quadros:

Prologo (1.º quadro): «O sultão Schariar»; 1.º acto: «O genio Kerim», «O macaco Azul»; «As almas do outro mundo», «As entranhas da Terra»; 2.º acto: «O tapete encantado», «Os ramos de karzette», «O bosque das palmeiras de ouro»; 3.º acto: «O reino das flores», «As avefallantes», «A justiça de Brahma», «Apotheose».

Gymnasio. — Logo que feche, a companhia irá fazer uma tournée pela provincia demorando-se sobretudo no norte.

Avenida. — Está ensaiando de novo a *Pera de Saltañ* para a festa artistica de Alfredo de Carvalho.

Rua dos Condes. — A emprehza arrendataria d'este theatro para a proxima epocha é o actor José Ricardo e de outro socio. A estrella da companhia será Amelia Lopiccolo.

Principe Real. — *Of procura do badallo*, sempre, que de tanto badalar tem dado consecutivas enchentes ao theatro da rua da Palma.

Colyseu dos Recreios. — Depois dos espectaculos lyricos, em que se tem cantado operas que ha muito annos se não ouviam em Lisboa, projecta o seu activo emprehzo o sr. Antonio Santos apresentar uma companhia de variedades que vae dar espectaculos em Madrid durante as festas da coroação de Afonso XIII.

Perez Galdós

O CEGO

Versão livre de LORJÓ TAVARES

XXI

Um novo mundo

— Paulo! então... pelo amor de Deus... murmurou ella.

— Então... pelo amor de Deus... repetiu elle com enthusiasmo. Porque é tu tão bonita? Meu pae tinha razão e ninguém resistiu nem á sua logica, nem á sua bondade; Julguei que nunca poderia chegar a amar-te. Julguei que mais facilmente amaria outra... Doido! Felizmente ha logics no meu sentir. O pae, que conhece o erro em que eu vivia, affiança que eu amava um monstro... Hoje posso dizer que idolatro um monstro. O pobre cego ignorante já vê e sabe prestar homenagem á verdadeira belleza... Mas... porque tremo eu? Vejo-te e o meu desejo é metter-te dentro do coração, apertando-te nos braços, contra o peito... estraitamente. Paulo continuava ajoelhado. Não sei o que sinto, continuo elle, balbuciente e pallido de commoção. De dia para dia descubro um novo mundo, Florentina. Descobri o mundo da luz, e hoje outro. Pois será possível que tu, tão formosa, sejas para mim? Ah! Florentina! tu és a esposa da minha alma!

Florentina qui levantar se, mas elle pegou-lhe na mão e, arregaçando a manga larga que lhe cobria o braço, beijou-o com ancia, contando os beijos:

— Um, dois, tres, quatro... Meu Deus! eu morro de alegria! Deixa-me! bradou Florentina erguendo-se de um salto e obrigando-o a levantar-se. Doutor, ralle com elle!

Theodoro bradou: Quero esses olhos immediatamente vendados, o ordeno que se retire para o seu quarto! disse elle.

Paulo, confuso, voltou o rosto para o lado de onde partia a voz e descobriu o medico que se conservava em pé junto do sophá.

— Estava ahí, doutor? disse elle acercando-se em linha recta.

— Estava e estou, respondeu Gólfim com severidade. Mandando que torne a pôr a venda e que se retire. Eu o acompanharei.

— Estou assim muito bem. Entretanto obedecerei. Mas deixe-me antes ver isto... E olhava para os cobertores, por entre os quaes apparecia uma cabeça de aspecto cadaverico e desgraçado.

Effectivamente o nariz de Nela parecia mais afilado, os olhos mais pequenos, a boca mais feia, a pelle mais hexigosa, os cabellos mais ralos, e a testa mais deprimida. Com os olhos quasi cerrados, a respiração arrojante, e os labios entreabertos, a infeliz parecia na agonia.

— Ah! faz Paulo. Tu pa disse-me que havias recolhido uma pobresinha... Minha santa Florentina! E tu, pobre rapariga, dá graças a Deus, pois caiste nas mãos de um anjo. Estás doente? Descanço, que nada te faltará aqui... Minha prima é boa como Deus... Esta desgraçada está muito doente, não é verdade, doutor?

— Sim, respondeu Gólfim. Mas é necessario que a deixemos só. O tumor das vezes pôde ser-lhe fatal.

— Eu saio já.

Paulo estendeu o braço e tocou com as pontas dos dedos n'aquella cabeça que tão tristemente exprimia a miséria e a desgraça. N'esse momento Nela abriu os olhos e cravou-os n'elle. Paulo experimentou uma sensação de irrealidade, como se aquella olhar viesse do fundo de um sepulchro, tão grandes eram a tristeza e a dôr que n'elle se lia.

Marianela tirou de entre os cobertores uma mão magrissima, queimada e aspera e pegou na de Paulo, que estremeceu ao seu contacto, e soltou uma exclamação de repugnancia e irrealidade.

Houve um silencio angustioso, um d'esses silencias que precedem as grandes catastrophes como que para lhes dar maior solemnidade. Esse silencio quebrou o doente, dizendo com voz tremula, que em todos produzida funda emoção:

— Sim, senhor, eu sou a Nela.

E lentamente, como se tentasse levantar um peso superior ás suas forças, levou os labios ardentes a mão de Paulo, e deu-lhe um beijo... depois outro... Mas ao dar o terceiro, os labios apenas roçaram ao de leve.

Seguiu-se um novo silencio. Olhavam para Nela. Nem uma palavra...

— E's tu?! exclamou Paulo por fim. Pois é tu?! Mil pensamentos acudiram á sua memoria, mas nada pôde dizer. Ser-lhe-ia necessario descobrir uma linguagem nova, como descobrira dois mundos novos, o da luz e o do amor pela firma. Os seus olhos cravavam-se com insistencia em Nela, que representava essa requinta tenacidade, onde se perdiam entre nevoas as suas paixões, as suas ideias e os seus erros de cego.

Florentina com os olhos rastos de agua acerrou-os para examinar o rosto de Nela e o de Gólfim que observava a doente como homem de coração e como sabio.

Matou-a! malditos sejam os seus olhos!

Taes foram as primeiras palavras que o medico pronunciou em tom lugubre. Em seguida, olhando para Paulo, disse-lhes com severidade:

— Saia!

— Morrer... Oh! não pode ser!

— Porquê? exclamou Florentina com angustia, pondo a mão sobre a testa de Nela. Maria! Marianela! Chamou pela pobre rapariga, inclinándose sobre ella e olhando-a como se chamara por algem que se houvesse submergido no seio mysterioso das aguas.

— Não responde... disse Paulo aterrado.

Theodoro curvou-se e verificou que o pulso latejava ainda.

Paulo precipitou-se sobre ella, e, acercando os labios do ouvido da moribunda, bradou:

Nela! Nela! minha querida Nela!

Ao som d'esta voz a misera moveu-se, abriu os olhos e agitou as mãos. O seu olhar era desvariado. Vendo que Paulo a observava, fez um movimento de terror e de vergonha e quiz esconder o rosto como se lóra um crime monstruoso.

— Mas que tem ella? exclamou Florentina. Doutor, salve-a, ou descrelha do seu saber! Salve-a, ou tel-a como um charlatão! Havia chora na estas palavras profundamente caritativas.

Nela! repetiu Paulo, soluçando de dôr e assombrado ainda com o aspecto do seu pobre guia de outro tempo. Pois tu tens medo de mim? que te fiz eu?

A doente estendeu então os braços, pegou na mão de Florentina e collocou-a sobre o peito. Depois pegou na mão de Paulo e uniu as duas, apertando-as a si. Os seus olhos cavados cravaram-se nos dois. Mas esse olhar era embaciado, parecendo vir de longe, das profundezas de uma caverna sombria. A sua respiração foi-se tornando mais ofegante. Suspirava, continuando a apertar contra o peito as mãos de Florentina e de Paulo.

Theodoro pôz em movimento toda a casa. Chamou em altos brados. Mandou buscar remédios, revulsivos energicos, e tratou de prolongar aquella vida que se apagava lentamente.

— E' impossivel, exclamou elle, deter esta gota de agua que resvala pelo declive abaixo e que está já a duas pollegadas do Oceano. Mas vou tentá-lo...

Mandou sair todos. No quarto apenas ficou Florentina.

Os revulsivos e os fortes excitantes, mordendo o corpo desfallecido de Nela, fizeram a estremeecer, mas aquella luz bruxuleante extinguiu-se pouco a pouco.

— E' uma crueldade! exclamou Theodoro, arrojando tudo para longe. E' uma crueldade martyrisar esta pobre creança para lhe prolongar a vida por um instante. Fóra com tudo isto!

— Então não ha remedio? perguntou Florentina a medico.

— Remedio? Só Deus lh'o ha de dar.

— Que mal é este, doutor?

— A morte! vociferou elle com furia, impropria de um medico.

— Mas que mal a faz morrer?

— A morte!

Não me explico bem... Que é que a mata?

— A morte! Eu sei lá se morre de vergonha, de zelos, de despeito, de tristeza ou de amor contrario... Singular pathologia! Não, não sabemos nada... Apenas sabemos coisas triviaes...

— Que medicos, meu Deus!

— Nós não sabemos nada, ouviu? O que se sabe não passa da superficie.

— Mas que doenca é a sua?

— Uma meningite fulminante.

— E isso que é?

— Nada, quasi nada... a morte!

— Pois é possivel que se morra sem causa conhecida, quasi sem doenca? Sr. Gollin! quero saber...

— E eu sei-o porventura?

— Não é medico?

— Dos olhos, não das paixões.

— Paixões?! exclamou Florentina, olhando para Mariana. Que paixões são essas que te matam, infeliz?

— Pergunte-o ao seu futuro marido.

Florentina, olhou estupefacta para o medico.

— Infeliz!... murmurou ella em lagrimas. Pois a dôr mortal mata assim?

— Quando a agarrei na Trascova ardia já em febre. E é uma febre o bastante para... Impossivel! Não pode ser?

— Dê-o Deus! dê-o a Natureza!

— E' impossivel, repito! Esta infeliz parece que recebeu uma punhalada.

Theodoro acercou-se de Florentina.

— Lembre-se, disse elle com voz cava, lembre-se do que viram ha pouco estes olhos que vou fechar-se para sempre. Lembre-se de que era amada por um cego, e de que esse cego hoje vê, e a viu. Viu-a, percebe? o que representa um assassinato...

— Meu Deus... murmurou Florentina. Que horroroso mysterio!

— Não mysterio não! bradou Theodoro consternado. E' o terrivel desabar das illusões! E' a golpear brutal da realidade, d'essa implacavel niveladora, que velu emfim metter-se entre dois seres...

— E fui eu quem trouxe essa realidade!

— Meu Deus! meu Deus! que mysterio! repetiu Florentina, que mal comprehendia o sentido d'aquellas palavras.

— Mysterio, não! tornou a bradar Theodoro

cuja agitação crescia. E' a realidade pura, a desappareição subita de um undado de sóes. Aullim realidade foi para elle uma nova vida. Para ella foi a dôr, a asphyxia, a humilhação, a tristeza, o ciúme... a morte!

— Mas... E' tudo isto por causa de uns olhos que se abrem á luz, á realidade! Não me sae esta palavra do pensamento. Parece que a tenho gravada no cerebro com letras de fogo.

— Por causa de uns olhos que se abrem á luz... repetiu Florentina. Pois a dôr mata assim de repente, sem que se possa apresentar um auxilio!

— Eu sei lá! exclamou Theodoro com exaltação, atterado, contemplando aquelle livro humano de caracteres obscuros sobre que a sciencia não podia decifrar a legenda mysteriosa da morte e da vida.

(Continua.)



Bilhares de precisão

COM A CELEBRE TABELLA AMERICANA
MONARCH

Pannos, Tacos, Hollas e todas as accessorias

Jogos diversos de novidade—Cartas,
Tentos e Fizas para todos os jogos

Viuva de José Alexandre de Senaa

46 — Rua Nova do Almada — 28

CASA FUNDADA EM 1856.

LISBOA

Pagam o catalogo illustrado

CASA ANCORA MESQUITA & MACHADO

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Grande sortimento
e variedade de artigos. O primeiro ponto
de reunião de Mandos

RUA MARQUEZ DE SANTA CRUZ

E RUA MARECHAL DEODORO
MANAOS



H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Cádelras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

DRACOS DE REPARAÇÃO EM CACILHAS

ESTALGIRO NO GINJAL

JOALHERIA, BIJOUTERIA, OURIVESARIA

REIS & FILHOS

O maior e melhor sortimento em

ARTE NOVA

Relojoaria

Objectos de Arte
Pratas

Rua de Santo Antonio, 239

PORTO

ESCOLA ACADEMICA

Instituida em 1 de outubro de 1847

Fundador — Antonio Florencio dos Santos

DIRECTOR E PROPRIETARIO

Jayme Mau Perrin Santos

Bacharel formado em Philosophia e Medicina

pela Universidade de Coimbra;

Lente do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa

Médico dos Hospitais Civis

Ensina-se n'esta Escola instrução primaria, instrução secundaria, periodo transitorio e curso geral dos lyceus, conforme o Regulamento de 14 de Agosto de 1895, havendo além d'isso um curso commercial essencialmente pratico e completamente independente do curso geral dos lyceus.

As disciplinas que constituem este curso, e que são leccionadas em classes especiaes e por professores especiaes, são as seguintes, e distribuidas em 4 annos:

CURSO COMMERCIAL

1.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Calligraphia
Pratica de escriptorio

2.º Anno

Portuguez
Francez
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Geographia geral
Calligraphia
Pratica de escriptorio

3.º Anno

Francez
Inglez
Allemão
Arithmetica e calculo commercial
Historia patria
Geographia commercial
Physica e chimica elemental
Historia natural elemental
Calligraphia
Pratica de escriptorio

4.º Anno

Francez | Exercicios de redac-
Inglez | ção e de conversa-
Allemão | ção
Contabilidade geral e escriptura
commercial
Materias primas e especies commer-
ciaes
Elementos de economia poli-
tica e legislação commercial
e aduaneira
Pratica de operações commer-
ciaes

O ensino pratico das linguas vivas começa na instrução primaria, e nos quatro annos ha, em todas as aulas de linguas, exercicios de conversação regularmente distribuidos por toda a semana.

Aos alumnos que concluem este curso, ser-lhes-ha passado pela Escola um certificado do curso, com as informações relativas á sua applicação, aproveitamento e procedimento.

Os horarios e mais disposições relativas a todos os cursos estão patentes no vestibulo da Escola e enviam-se pelo correio a quem os requisitar.

Lisboa e secretaria da «Escola Academica, 15 de Julho de 1901.

O DIRECTOR — **Mau Perrin Santos.**

Modas e confecções



Ultimas Novidades de Paris,
Londres e Berlin

ALMEIDA & SERPA PINTO

Succ.^s de Almeida & C.^a

PORTO - PORTUGAL

ATELIERS DE MODAS

dirigido por uma modista franceza

PRAÇA CARLOS ALBERTO, 33 A 38 A

Dr. Alves Quintella — R. de Gonçalves Christovam, 314,

PORTO



Do mesmo autor:

LICOR DEPURATIVO VEGETAL IODADO DO DOUTOR QUINTELLA

Do conselho de S. Magalhães D. Carlos 1.º de Portugal, medico dos Hospitales de St.º Antonio e de creanças Maria Pia, do Porto.—Distincto nos cursos de Philosophia e Medicina, e premiada em varias exposições nacionaes e estrangeiras.

Este depurativo approved pela Directoria Geral de Saude Publica dos Estados Unidos do Brasil (sob o n.º 457) e o mais effizaz, até hoje conhecido, no tratamento das **doenças Syphiliticas, Escrofulosas, Rheumaticas, de Pele,** e nas **Saturações mercu-riales.**

Enviem-se folhetos especiaes, em que se encontram innumerous casos de curas devidamente authenticados no tratamento d'estas doencas, a quem os reclamarem do Deposito Universal, R. Gonçalo Christovam 314—Porto (Portugal).

Estes preparados encontram-se á venda nas principaes Pharmacias de Portugal e Brasil.

Deposito principal no RIO DE JANEIRO.—José Cesar de Mattos

45, Rua Sete de Setembro, 45

CASA BAQUET
GONÇALVES JUNIOR
ALFAYATE

Confeções para senhoras

153—Rua de Santo Antonio—157

PORTO

COUPEUR—ANTONIO AMORIM

Livros uteis e instructivos

Grande redução nos preços primitivos do catalogo n.º 3, das edições da Empresa Editora de Arthur da Silva, Rua dos Doutradores, 72—Lisboa.

HISTORIA UNIVERSAL.—C. Cantos.—Desde a creação do mundo até á nossa epoca. Traduzida por Manoel Bernardes Braz-cos, 12 volumes, in-4º gr., 2.ª edição, com 5 600 pag. e 64 gravuras, br..... 28000	HISTORIA DA AMERICA PORTUGUESA [BRAZIL]—Sebastião do Rocha Pittas.—Desde o anno de 1500 até o de 1724.—Ilustrado e annotado por J. Gomes Gons, in-8º grande, 2.ª edição de luxo 431 pag. e com 10 grav. e um mappa, broch..... 27000
OS ULTIMOS TRINTA ANNOS, 1848 á 1878.—C. Cantos.—Versão pelo visconde de Castello, in-8º, com 513 paginas e retrato do author, br..... 500	Em 1/2 encad. franceza..... 12000
Em encad. inteira ou 1/2 ingleza..... 1000	RESENHA DAS FAMILIAS TITULARES E GRANDES DE PORTUGAL.—Silvestre Pinto e Visconde de Sauchas de Britas—1 vol., in-4º grande, com 1349 pag., edição de luxo, com tirades de mar no texto, br..... 18000
DICIONARIO ENCYCLOPEDICO OU NOVO DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA.—D. João M. A. A. O. de Lacerda. Diccionario de synonymos / Vocabulario do de. Inq. Brasileira do Typo.—Vocabulario do d. Inq. Brasileira do Typo.—Vocabulario do d. Inq. Brasileira do Typo.—Vocabulario do d. Inq. Brasileira do Typo..... 12000	Em 1/2, chagrin, capa especial..... 15000
HISTORIA DAS PERSEGUICÓES POLITICAS E RELIGIOSAS, occorridas em Hespanha e Portugal, desde a idade media até aos nossos dias.—Verdade do hespanhol por L. Trindade, 3 vol., in-8º, com 1243 pag. e 12 grav. fr..... 12000	Em 1/2, encad. franceza..... 12000
Em 1/2, encad. franceza..... 12000	OS SETELOS D'AFRICA.—Alfredo Sarmiento.—Apontamentos de viagem, in-8º, com 231 pag. e 15 grav. e 1 mappa do Africa, br..... 5000
	Em 1/2, encad. franceza..... 5000

ALCANTARA

EPECIALIDADES • FUMOS EM PACOTINHOS E CIGARRAS EM CARTEIRINHAS

Companhia Geral do Credito Predial Portuguez

LISBOA—L. de Santo Antonio da 86, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações prediaes a longo prazo—juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 % ao, de 10 a 60 annos. Empréstimos de conta corrente: a juro de 3 1/2 % e commissão de 1/2 % de 1 a 5 annos. Depósitos: accitamos a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2 % á ordem e 3 % ao prazo de 3 meses; 3 1/2 % á 6 e 4 % ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto e a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

GABINETE HYDROTHERAPICO

do Dr. Mauperrin Santos

Medicis et accoris / J. Silvestre d'Almeida

Installação hydrotherapica completa; duas salas de 200' para homens e senhores, intermamente a, var. das e independentes; gabinete de massagem d'eletricidade e magnetismo. Massageio e gymnastica—dica, dirigida por C. de Sousa, Tratamento de doencas nervosas e do estomago.

Aberto das 9 h ás 12 de manhã e das 3 h ás 5 de tarde

ESTRADA CALHADA DO DUQUE, 11 LISBOA CALHADA DA GLORIA, 11 LISBOA

LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL

Capital social 2.400.000.000 REIS

13.000.000.000

En acciones pagas desde 1884 até 1893

PREMIOS Y RESERVAS 332.000.000

Seguros contra incendio, exploração de gas e de raios

Equateur Atlantique e Union Maritima

Compañias francesas contra os riscos maritimos e riscos de transporte de qualquer natureza.

Directores—Lima Mare & Filhos LISBOA—Rua da Prata, 59, 2.º



Cunha & Irmão

JOALHEIROS

Objectos de fino gosto em ouro, joias e pratas

199, RUA AUREA, 201

LISBOA

BRASIL PORTUGAL

Almanach Illustrado para 1903

Desde já se recebem annuncições para este almanach nos escriptorios do Brasil Portuguez.

Rua de S. Roque, 125, 1.º—LISBOA

Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho

FORNECEDORES DA CASA REAL

J. NUNES CORRÊA & C.ª

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 152, 154 e 156—LISBOA

Proprietários em com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação.—Atelier mechanico para confecção de uniformes. Garantia-se em todas as encomendas a sua qualidade, perfeição e modicidade de preços

O TIRADENTES

Romance Historico Brasileiro em 2 volumes
de 550 paginas cada um

POR

JOSÉ AGOSTINHO



Está posto á venda, por estes dias, nas principaes livrarias do Brasil o 1.º volume d'este grandioso romance historico, em que se descreve em traços frisantes, a conjuração mineira, destacando-se o immortal patriota Tiradentes. Romance baseado n'um plano tão amplo que, a proposito do grande movimento de Minas põe em foco a gestação da Revolução Franceza, aproximando-se da grande figura de Voltaire os estudantes do Brazil que em França aqueceram ainda mais o seu ideal sagrado; e é fecundo em lances, em desenhos de nobres figuras como o Marquez de Pombal, Jefferson e outros e faz um descriptivo intenso da grande natureza americana. A acção historica é sempre amenizada, por uma forma viva, reservando para o fim de cada volume, as notas da respectiva documentação muito solida e proficiente.

Livraria Editora de Antonio Figueirinhas — PORTO



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

DE

Londres, 1862; Porto, 1865; e Paris, 1867 e 1878

ANTIGA CASA

João Eduardo dos Santos

Fundada em 1845

Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e authenticos, quando ivem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca do commercio registrada de que uso.

A venda em todas as casas de primeira ordem

JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR

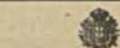
PORTO

Sahe brevemente

O ALMANACH ILLUSTRADO
DO BRASIL-PORTUGAL

para 1903

com capa a côres e grandes surpresas artisticas



CESAR A. PAIVA
CIRURGIÃO DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas
CONSULTORIO
R. do Arsenal, 100, 1.º
LISBOA

HERMINIOS
GRANDES ARMAZENS

PRTO (Rua de St.º Antonio
Rua Sá da Bandeira, 39

Estabelecimento dentro do mesmo prédio.
Casa montada sob a organização dos estabelecimentos congêneros do estrangeiro. Vende todos os artigos indispensaveis

CHAPELARIA DA MODA
DE
JOÃO ALVES DA COSTA

32, Rua Garrett, 34-(Chiado)

LISBOA

Completo sortimento de chapéus e bonnets
para homem e creança, nacionaes e estrangeiros,
em seda, feltro e palha.
chapéus CLAUQUES, ditos para fardas, librés, etc.

DEPOSITO das aguas minero-medicinaes de MONDARIZ

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

Rua do Alecrim, III, 1.º — LISBOA



Agencia Financial

DE
PORTUGAL

Rua General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

GUILHERME SILVA

Camisaz, ceroulas,
gravetas, collarinhos
e panhos



Roupas bordadas
e camizetas
Enxovaes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA



JOÃO FERREIRA
PRIMEIRO FABRICANTE DE CAFÉ E CHOCOLATE EM PORTUGAL
PORTO

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

FOSFIODOGLICINA

DE

Lemos & Filhos

Superior ao oleo de fígado de bacalhau,
Superior ás emulsões oleosas,
Superior a todos os depurativos,

na cura das Escrophulas, Rachitismo,
Lymphatismo e Tysica incipiente

Medicamento e alimento, este producto dá resultados seguros e rapidos no tratamento das doenças acima indicadas, quer em creanças quer em adultos. É agradável á vista, ao olphato e ao paladar. Tem a opinião favoravel de professores da Escola Medica, directores dos hospitales, asylos e dispensarios, notaveis medicos eminentes especialistas.

Ensaiado com exito seguro em todas as casas de beneficencia do Porto.

MARCA E NOME REGISTRADOS

Frasco, 600 réis; caixa de 6 frascos, 34300 réis; caixa de 12 frascos, 68200 réis.

PRODUCTO EXCLUSIVO DA

Pharmacia de 1.^a classe, Lemos & Filhos, Porto

Telephone 309

31, PRAÇA DE CARLOS ALBERTO, 31-A

Cuidado com as imitações e fraudes

A' venda em todas as boas pharmacias
e drogarias do paiz

FOSFIODOGLICINA, DE LEMOS & FILHOS

BANCO DO MINHO

SÉDE EM BRAGA

Fundado no anno de 1864

Endereço telegraphico-MINHO

CAIXA FILIAL NO PORTO

Agencia em Lisboa—BANCO LISBOA & AÇORES

Effectua todas as operações bancarias

Correspondentes em todas as cidades, villas e logares importantes de Portugal, Hespanha, Italia, Londres, Paris, Hamburgo, Montevidéu e Buenos-Ayres

AGENTES NO BRASIL

Rio de Janeiro—Sampaio Oliveira & C.^a, R. do General Camara, 13

S. Paulo—Garcia Nogueira & C.^a

Santos—Ferreira de Souza & C.^a

Bahia—Banco Commercial da Bahia

Pernambuco—Luiz Duprat

Río Grande do Sul—Campos Moraes & C.^a

Pará—Banco do Pará.

SUB-AGENCIAS. EM LOCALIDADES

DE SECUNDARIA IMPORTANCIA